

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**DO HUMOR À SERIEDADE: O TRAÇO CONTESTADOR DE
NANI NAS CHARGES D'O PASQUIM.**

JÉSSICA RODRIGUES LOURENÇO

JÉSSICA RODRIGUES LOURENÇO

**DO HUMOR À SERIEDADE: O TRAÇO CONTESTADOR DE
NANI NAS CHARGES D'O PASQUIM.**

**Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Instituto de História da Universidade Federal de
Uberlândia para obtenção do título de Bacharel e
licenciado em História, sob a orientação da Prof.
Dra. Marta Emília Jacinto Barbosa.**

Uberlândia, Dezembro de 2012.

JÉSSICA RODRIGUES LOURENÇO

**DO HUMOR À SERIEDADE: O TRAÇO CONTESTADOR DE NANI NAS
CHARGES D'O PASQUIM.**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Marta Emília Jacinto Barbosa - Orientador

Prof^ª. Ms. Amanda Marques Rosa

Prof^ª. Kerley Cristina Braz Amâncio

Uberlândia, Dezembro de 2012

Cód. LOURENÇO, Jéssica Rodrigues, 1987.

Do Humor à Seriedade: o traço contestador de Nani nas charges d'O Pasquim.

Jéssica Rodrigues Lourenço – Uberlândia, 2012.

74 fl

Orientador: Marta Emísia Jacinto Barbosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História).
Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

1. O Pasquim. 2. Charge. 3. Humor. 4. Nani.

I. O Pasquim. II. O Pasquim: a revolução pelo cartum. III. O Pasquim: a subversão do humor.

I. Título. II. Série.

CDU CDU

NANI



*Dedico este trabalho aos meus
Pais, José Carlos e Nedina.
Obrigado por tudo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu noivo Hélton Santos Gomes, meu grande amor, amigo e companheiro, pelas discussões acadêmicas e sugestões de leituras que se estabeleceram, pela paciência e todo o amor e carinho que têm me dispensado.

À professora Marta Emísia Jacinto Barbosa, pela orientação desta pesquisa, por possibilitar eu me expressar livremente. Meus agradecimentos especiais.

Às professoras Amanda Marques Rosa e Kerley Cristina Braz Amâncio, participantes da banca examinadora pelos apontamentos para melhoria desta dissertação.

Agradeço a minha querida amiga Synara, que conviveu comigo ao longo destes cinco anos de curso, pela amizade, companheirismo, por tudo, muito obrigado.

Enfim, agradeço a todos os professores e amigos que fizeram parte, de alguma forma, da minha trajetória acadêmica.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9-15
CAPÍTULO I - A imprensa Alternativa no Brasil: o surgimento de um <i>Pasquim</i> 'libertador'.....	16-37
1.1 O Golpe Militar de 1964.....	17-22
1.2 Algumas características da imprensa alternativa no Brasil.....	22-27
1.3 O Surgimento d' <i>O Pasquim</i>	27-33
1.4 O Pasquim, a Contracultura e a Esquerda Festiva.....	33-37
CAPÍTULO II - As charges de Nani no <i>Pasquim</i> : o traço que contesta.....	38-61
2.1 Charges e Cartuns e sua relação com o Humor.....	40-43
2.2 Análise de Charges do Nani n' <i>O Pasquim</i>	43-45
2.2.1 O traço da pobreza nas charges de Nani.....	45-56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57-61
LISTA DE FONTES.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63-67
ANEXOS.....	68-74

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar, tendo como objeto de estudo charges contidas no jornal *O Pasquim*, a contradição existente no período do governo Médici (1969-1974) entre o “Milagre Econômico” e a situação das camadas populares retratada com conotação de miséria nos traços do cartunista Nani. Serão analisadas, sobretudo, charges publicadas em sua série intitulada *Imprensa Nanica* que, a nosso ver, retratam a questão da inflação, da fome e da pobreza no Brasil nos anos 1973 a 1981.

O Pasquim fora um jornal da imprensa alternativa, surgido em 1969, contemporâneo da promulgação do “AI-5” que intensificava a censura. Este jornal teve grande repercussão no cenário nacional sendo um dos mais lidos no período, principalmente pela elite de intelectuais e jovens da classe média brasileira. As charges contidas neste periódico foram um meio eficaz de contestação, pois como diziam seus próprios autores, os censores pouco ligavam para as imagens, assim, estas conseguiam certa eficácia na transmissão da mensagem, que muitas vezes se encontrava escondida nas entrelinhas.

Faz parte desta pesquisa também, analisar a receptividade deste jornal, a qual/quais público(s) ele se destinava. Lembrando que é preciso certa instrução ou informação (contextualização) para entender o conteúdo de uma charge.

Este estudo analisará nas charges que retratam a pobreza e a fome no Brasil, não somente a fome física, a necessidade de alimentar-se para a sobrevivência, ou a falta de moradia, de escola, de saúde, mas também a fome de representatividade, de direitos, a fome de igualdade social.

Palavras-Chave: Nani. O Pasquim. Charge. Humor.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa passou a ser pensada após uma apresentação de seminário realizada na disciplina *PROJETO INTEGRADO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS I*, do curso de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia ministrada pela Professora Doutora Maria Clara Tomaz Machado no primeiro semestre de 2007. Nesta proposta inicial a discussão acercou-se apenas sobre “novas” formas de se trabalhar a história, apresentando novas fontes de pesquisa para o historiador, enquanto pesquisador. As charges do jornal *O Pasquim* neste projeto inicial serviram apenas para ilustrar o tema do estudo que era a questão da pobreza no Brasil no período da ditadura militar, no momento em que a repressão se encontrava mais ferrenha em relação aos meios de comunicação.

Durante esta primeira pesquisa, me deparei com uma charge que retratava um indivíduo pobre diante de um anúncio de preços e tipos de leite, onde aparecia leite tipo A e tipo B com valores próximos a Cr\$ 2,50, o indivíduo solicita leite tipo Z que nem consta na lista, ou seja, este sujeito não possuía condições econômicas para adquirir este produto que possivelmente tivera seu preço alterado nas sucessivas inflações que ocorreram nas décadas de 1970 e 1980. Esta charge me propiciou certos questionamentos, como por exemplo, porque este indivíduo, no período do "Milagre Econômico" no Brasil, em que a imprensa oficial publicava os índices de crescimento do país, sempre enaltecendo o desenvolvimento econômico e industrial deste, não consegue adquirir este produto primordial à alimentação do brasileiro? Como este jornal conseguiu publicar esta charge, levando esta mensagem a sociedade, no período em que a ditadura militar no Brasil se tornava mais ferrenha?

Várias outras questões foram surgindo, e então, deste meu primeiro contato com *O Pasquim* surgiu o interesse de aprofundar os estudos sobre a imprensa alternativa no Brasil, sobretudo, o surgimento deste semanário, pensando quais as causas e as formas de contestação que este jornal alternativo colocou em prática.

Este estudo, portanto, visa analisar charges produzidas por Ernani Diniz Lucas, comumente conhecido por Nani, datadas entre 1973 a 1981, retiradas de uma série publicada n^o *O Pasquim* intitulada *Imprensa Nanica*, que retratam condições de fome e pobreza. Para pensarmos a pobreza, utilizaremos o conceito elaborado pelo indiano Amartya Sen, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 1999, complementado pela análise de Deepa Narayan, em 2000, que atuou por 25 anos no Banco Mundial estudando esta temática.

No decorrer do século XX três concepções a cerca da pobreza foram desenvolvidas. O primeiro, com enfoque na sobrevivência, perdurou até a década de 50, tratava-se de pensar no

rendimento físico do ser humano. Um estudo elaborado por nutricionistas inglesas dizia que a renda da parte mais pobre da população não conseguia suprir as necessidades nutricionais no que concerne apenas a sobrevivência destes.

Já a partir de 1970 é incorporado ao conceito de pobreza as necessidades básicas do ser humano, como serviço de água potável, saúde, saneamento básico, cultura e educação.

Na década de 1980 sair da pobreza passou a ser: ter alimentação digna, conforto, ter comportamentos sociais adequados, educação e etc.

O texto produzido pelos autores Antônio Pedro Albernaz Crespo e Elaine Gurovitz, *A pobreza como um fenômeno multidimensional* apresenta estudos já realizados sobre a questão da pobreza, estes autores dão enfoque ao conceito de pobreza pensando pelo indiano Amartya Sen. É deste texto que retiramos um trecho que servirá para pensar a pobreza retratada nas charges, ressaltamos que nestes retratos o pobre aparece sempre como miserável, com condições precárias de alimentação, analfabetos, sem moradia decente, dentre outros. O conceito de pobreza que citamos aqui foi elaborado pelos entrevistados (pessoas de baixa renda) em uma pesquisa de Deepa Narayan:

Pobreza é fome, é falta de abrigo. Pobreza é estar doente e não poder ir ao médico. Pobreza é não poder ir à escola e não saber ler. Pobreza é não ter emprego, é temer o futuro, é viver um dia de cada vez. Pobreza é perder o seu filho para uma doença trazida pela água não tratada. **Pobreza é falta de poder, falta de representação e liberdade.** [Grifo nosso]¹

A fome e pobreza neste estudo não serão vistas somente como fome física, a necessidade de alimentar-se para sobrevivência ou a falta de moradia, de escola, de saúde, mas também a fome de representatividade, de direitos, a fome de igualdade social.

Para que a nossa proposta de pesquisa tenha um maior êxito, nos valeremos da metodologia de Jacques Revel, denominada por ele de *jogos de escala*. Para ele é o princípio da variação que conta, não a escolha de uma escala em particular². Assim sendo, Ricoeur diz que,

Depende deste jogo de escalas a postura micro-histórica adotada por alguns historiadores italianos. Ao reterem como escala de observação um vilarejo, um grupo de famílias, um indivíduo apanhado no tecido social, os adeptos da *microstoria* não somente impuseram a pertinência do nível micro-histórico no qual operam, mas trouxeram para o plano da discussão o próprio princípio da variação de escalas. [...]. A ideia chave ligada à ideia de variação de escalas é que não são os

¹CRESPO, Antônio P. Albernaz & GUROVITZ, Elaine. **A pobreza como um fenômeno multidimensional**. In: RAE-Eletrônica, v. 1, n. 2, p. 1-12, Jul/dez de 2002. Disponível em: <<http://www16.fgv.br/rae/artigos/1178.pdf>>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2009, p. 11.

²REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da micro análise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escala, mas conexões que passaram despercebidas na escala macro-histórica.³

Deste modo, não nos ateremos apenas às conjunturas de âmbito nacional, mas também ao contexto internacional no qual *O Pasquim* surgira, e as charges de Nani foram produzidas e publicadas. Além disto, tentaremos apreender como e por quem (ou qual grupo) o jornal foi consumido, pois, conforme mencionou Flávio Rangel em uma entrevista concedida em 13 de setembro de 1979⁴, uma das estratégias utilizadas pela esquerda era a tentativa de se expressar através de parábolas ou através de alegorias, de elementos que fossem analógicos. Porém, o mesmo ressalta que este tipo de trabalho é não só desgastante como pouco expressivo na medida em que havia pouca funcionalidade, já que a utilização deste modo de expressão propiciava um jogo de cartas marcadas com o público que já estava informado daquilo que se queria falar. Diante disto, nos perguntamos: até que ponto *O Pasquim* contribuiu para solapar um estado de coisas que estava estabelecido na sociedade? Ele se fez entender por qual grupo social? Ele se fez entender pelos populares, na medida em que estes, pelo menos uma parcela, eram analfabetos e a maioria não possuía contato com este jornal?

Esta pesquisa toma para si, a tarefa de discutir o surgimento da imprensa alternativa no Brasil, e esta forma de comunicação como também formadora de opinião e veículo de contestação, enxergando nesta imprensa um movimento “contra hegemônico” que acabava por criar um grupo que partilhava ideias e/ou anseios comuns. Procuraremos evidenciar n^o *O Pasquim* a heterogeneidade que havia em sua produção, seja de matérias publicadas, assuntos discutidos no folhetim, como também de ideias, seguimento político, formas de “ver o mundo” de seus colaboradores e formas de abordagem de diversos assuntos caros à época em que se publicava, por exemplo: *O Pasquim* que se dizia um jornal libertário, sofre críticas de vários estudiosos que o tachava de conservador por tecer críticas ao movimento feminista. Pesquisaremos também as formas iconográficas contidas neste jornal, dando ênfase às charges, estudando a importância das imagens enquanto forma de comunicação e principalmente de resistência.

Déa Ribeiro Fenelon nos diz que:

O enriquecimento temático da História Social é, muitas vezes, razão de crítica severa, por parte daqueles que vêm nesta expansão uma possibilidade forte de esmaecimento dos objetos em análise pela amplitude que os pesquisadores atribuem à sua análise, ou pela ausência de posicionamento teórico para articular esta

³ RICOEUR, Paul. Explicação/Compreensão e A representação historiadora. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 220-221.

⁴ HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 88-89.

fragmentação [...]. Assim, outros criticam a fragmentação do social pelo recorte micro das temáticas, levando a uma consequente perda da perspectiva geral. [...] pela constante atração da História Social por temas do debate político presente, pelas tentativas de se preocupar com a vida real mais que com as abstrações, por ver a “história vista de baixo” mais que a partir dos dominantes e tratar a experiência ou as vivências mais que os eventos sensacionais, pela possibilidade de maior identificação e empatia com o passado, pela relação intimista que estabelece com os sujeitos históricos, por tudo isto, enfim, estas perspectivas se tornaram o referencial teórico a que aderiram inúmeros historiadores.⁵

A autora defende que na maioria dos estudos que trabalham com objetos micros, os historiadores conseguem inserir estes objetos no contexto geral da sociedade, pois até porque foram deste suporte teórico que partiram suas indagações.

Entendemos que os jornalistas d’*O Pasquim* retiram os “materiais brutos” da realidade vivida, os transformam em arte através de suas charges e os devolvem à sociedade. Deste modo, por mais que o jornal ou a charge seja feita por uma só pessoa, ela nunca será uma produção puramente ou genuinamente individual, na medida em que a escolha feita por este jornalista nunca será uma escolha puramente individual, direta ou indiretamente esta escolha se dá motivada pelos anseios sociais de uma determinada sociedade, tempo e espaço. Assim sendo, as charges contidas n’*O Pasquim* se constituem numa produção cultural que é disseminada na esfera social, que é o terreno comum onde acontecem as experimentações entendidas aqui como algo relacional.

Pesavento⁶ nos diz que o estudo de imagens requer uma leitura crítica de seu pesquisador, pois elas,

[...] estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente à realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário.⁷

Para Pesavento é possível encontrarmos nas imagens um valor de texto, estas imagens nos dão uma visão daquilo que foi outrora, ajudando-nos a lidar com costumes que não são mais os nossos. Desta forma, é importante para estudos que se prezam pela análise de imagens insistirem na ideia de complementaridade, seja analisando os componentes gráficos das imagens, ou os planos de uma fotografia, sua composição, os elementos ali destacados, logo, é preciso sempre buscar variadas informações sobre esta fonte de pesquisa. No caso das charges também devemos insistir na complementaridade entre texto e imagem, a linguagem verbal e não verbal que compõe uma charge, pois, por serem produtos de uma determinada

⁵FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: **Projeto História 10**. Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, 1993. p. 73-90.

⁶ Coordenadora do GT Nacional de História Cultural, falecida em 23/03//2009.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.p. 86.

época, sociedade, impregnadas de tempo e casualidade, uma linguagem estaria complementando a outra, facilitando assim o entendimento da mensagem que esta visava passar que poderia ser algo muito específico sobre uma determinada época que, se deslocada de uma contextualização, não se faz entender.

A partir da Escola dos Annales e a “Nova História Cultural” surgiram novas formas de abordagens de se fazer e conceber a história, esta trouxe consigo novas possibilidades de se (re) escrever a História através de novos objetos, ampliou a noção de fontes propiciando assim o uso do cinema, da literatura, da televisão, do teatro e da música como objetos de pesquisa, já que estes novos pressupostos teórico-metodológicos reconhecem tais manifestações artísticas como registro da intervenção do homem na sociedade de seu tempo. Portanto, não se trata mais de fazer uma história somente dos grandes feitos dos grandes homens, não se trata de uma “história oficial”, mas sim de uma história que se atenta para os detalhes, buscando tratar o ser humano em suas múltiplas dimensões seja ela política, econômica e/ou social.

Nas imagens, nas charges, assim como em todo documento ou fonte, a realidade não é percebida ou apreendida em sua totalidade, mas, ela pode e é mediada a partir dos fragmentos deixados pelos homens.

Marc Bloch em sua obra *Apologia da História ou O ofício do Historiador*, nos alerta para o cuidado que devemos ter com as fontes históricas, segundo ele,

[...] a palavra das testemunhas não deve ser obrigatoriamente digna de crédito, os mais ingênuos dos policiais sabem bem. Livres, de resto, para nem sempre tirar desse conhecimento teórico o partido que seria preciso. Do mesmo modo, há muito tempo estamos alertados de não aceitar cegamente todos os testemunhos históricos. Uma experiência, quase tão velha como a humanidade, nos ensinou que mais de um texto se diz de outra proveniência do que o fato é: nem todos os fatos são verídicos e os vestígios materiais, [eles] também podem ser falsificados.⁸

Nestas fontes não se busca a reconstrução de uma realidade tal como ela é, mas sim uma representação, os vestígios desta realidade, pois conforme Pesavento disse, “[...] se a arte se apresenta como fonte ao historiador – ou seja, como marca de historicidade que guarda uma impressão de vida – ela é uma fonte que diz sobre o seu momento de feitura [...]”.⁹ Claudius um dos autores d’*O Pasquim* nos diz no vídeo documentário intitulado *O Pasquim - A Revolução pelo Cartum* que “o importante não são os fatos em si, o mais importante é a versão dos fatos”,¹⁰ ideia que, de certo modo, vai de encontro com a noção supracitada se

⁸ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 89.

⁹ PESAVENTO, Sandra J. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. In: **Estudos Históricos**, RJ, n. 30, 2002, p. 56-75. p. 57.

¹⁰ *O Pasquim - a Revolução pelo Cartum*, direção de Louis Chilson, 1999, Brasil, 48 min.

atentarmos para o fato de que uma versão dos fatos corresponde a uma representação de uma determinada realidade.

Para Levi “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”¹¹. Sob a ótica da micro-história poderemos registrar detalhes imperceptíveis que são interpretados numa visão mais ampla, no campo das experiências culturais do período.

De acordo com Thompson em *Ideologia e Cultura Moderna*¹², pensarmos, neste caso as charges, como formas simbólicas socialmente estruturadas em situações específicas, é buscar entender o ambiente sociocultural em que estas charges são elaboradas, reproduzidas, valorizadas e consumidas, desta forma estaríamos compreendendo o universo onde estas charges „desembarcam”.

Para pensarmos a imprensa alternativa, sobretudo, *O Pasquim*, utilizamos o conceito de Kucinski que nos permite ver esta imprensa durante o governo militar exercendo uma “função social de criação de um espaço público reflexo, contra-hegemônico”.¹³

Segundo Heloisa Buarque de Hollanda alguns jornais alternativos como,

O Pasquim, por exemplo, inaugura no Brasil a moda de entrevistas longas e sem pauta, onde entrevistadores e entrevistados conversam sobre diversos assuntos e têm a transcrição do “papo” publicada sem *copy-desk*. É ainda no Pasquim que a informação da contracultura vai encontrar talvez a sua mais importante “tribuna”, na página Underground produzida por Luiz Carlos Maciel, cuja atuação no período pós-tropicalista é fundamental.¹⁴

É importante ressaltar que estes jornais alternativos fora campo para uma nova esfera pública que surgiu para debater temas que não eram permitidas na imprensa oficial, configuravam-se em novos espaços para discussões políticas, econômicas e sociais.

Partilhamos da ideia de que as imagens num primeiro momento denotam uma mensagem, mais clara, de fácil compreensão, num segundo plano, nos apresentam a cena, sua composição, são as pessoas, os objetos, os gestos, as cores, as formas, a perspectiva, o ambiente. Para Barthes, o pesquisador da imagem deve atentar-se para o fato de o que,

Constitui a originalidade desse sistema é que as possibilidades de leitura de uma mesma lexia (uma imagem) são variáveis segundo os indivíduos. [...] A diversidade das leituras não é, no entanto, anárquica, depende do saber investido na imagem (saber prático, nacional, cultural, estético); estes tipos de saber podem ser

¹¹LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo, SP. UNESP, 1992, p. 139.

¹²THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1955. p. 193

¹³ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

¹⁴HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1992.

classificados em uma tipologia; tudo se passa como se a imagem se expusesse à leitura de muitas pessoas, e essas pessoas podem perfeitamente coexistir em um único indivíduo: a mesma lexia mobiliza diferentes léxicos.¹⁵

Esta ideia de que uma mesma imagem pode imprimir significações diferentes a vários telespectadores faz parte de nossa preocupação ao pensar como estas charges do jornal eram recebidas e compreendidas pelos grupos que as „liam“. Este estudo aborda o mesmo período para a produção e recepção destas charges de modo que os sujeitos que adquirem este material se eles estiverem inseridos no mesmo contexto de produção terão assim um “facilitador” na compreensão dos símbolos apresentados nas charges, mas, mesmo assim as interpretações podem sofrer variações que se fazem de acordo com o ponto de vista, a visão de mundo, a “bagagem cultural” de cada „leitor“. Temos ainda o fato de que as charges se compõem de linguagem não verbal e verbal, ou seja, possuem palavras, textos que auxiliam na compreensão da mensagem que se quer passar, o que é de suma importância para nós pesquisadores do presente que lançamos este olhar para o passado vendo nestas charges a forma de representação de um grupo, de uma determinada sociedade.

¹⁵BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CAPÍTULO I - A imprensa Alternativa no Brasil: o surgimento de um *Pasquim* 'libertador'

Um estudo sobre o jornalismo dos anos 20 quase nada tem a ver com estudo igual sobre o jornalismo dos anos 70. O jornalismo acompanha, assim, as demais ciências humanas, que, ao contrário das outras, talvez, até mais exatas, são estáticas. O ser humano, imprevisível e impreciso como é, transmite às ciências que o estudam um tom mercurial, palpitante, inacabado e fecundo.

Alberto Dines

Segundo Thompson, "devemos examinar a natureza das formas simbólicas e sua relação com os contextos sociais dentro das quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas", ¹⁶portanto, pensar as charges d'*O Pasquim* enquanto formas simbólicas socialmente estruturadas em situações específicas requer uma contextualização do período em que estas foram criadas e publicadas.

O Pasquim surgiu em 1969, logo após a promulgação do Ato Institucional Número 5, que viria lhe aplicar uma censura ferrenha, estava inserido no contexto histórico da década de 1960 que é visto como um período de grande efervescência cultural, já a década de 70 é tida como uma década de reposicionamentos, questionamentos, políticos e culturais, devido a certas descrenças pelas quais passaram, principalmente, os membros da esquerda no Brasil. Durante estas décadas de apogeu e crise de ideologias, das mais variadas vertentes, surgiram e deixaram de existir milhares de jornais e revistas tidas como integrantes da imprensa alternativa. Neste capítulo iremos abordar as características destes periódicos, bem como suas vertentes ideológicas, quando as tiverem, e o contexto em que surgiram e desapareceram. Salientamos que nosso foco está voltado para o semanário *O Pasquim*, portanto, conforme já mencionamos as discussões aqui apresentadas, não terão como objetivo detalhar, especificar minimamente cada um dos periódicos ou períodos que surgiram durante a trajetória da imprensa alternativa no Brasil.

Para pensarmos o surgimento desta imprensa, bem como seu conceito de „alternativa“, nos baseamos, sobretudo na obra *Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alternativa* de Bernardo Kucinski, grande estudioso e participante deste período da história brasileira. Além deste autor, utilizaremos também a obra *Patrulhas Ideológicas* de Pereira e Heloisa Buarque, bem como o livro *Ideologia e Cultura Moderna* de Thompson e as obras de

¹⁶ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1955.

Maria Helena, dentre outras, para discutirmos a questão da cultura, das ideologias, para pensarmos e situarmos o surgimento desta imprensa alternativa.

1.1 O Golpe Militar de 1964

A imprensa alternativa no Brasil fora uma resposta dada a conjuntura política, econômica e social a qual este país e o mundo passaram a vivenciar na década de 1960 e 1970. Pensar a imprensa alternativa das décadas supracitadas requer um olhar sobre os acontecimentos sociopolíticos que a antecederam, sobretudo, ao golpe militar de 1964 que destituía João Goulart do governo, pondo fim a todo um espírito nacionalista de anseios por mudanças, e as expectativas surgidas pela iminência das *Reformas de Base*, que seriam as raízes, juntamente com a contracultura e o existencialismo de Jean Paul Sartre, o anarquismo, e o embrutecimento da ditadura militar, de vários jornais alternativos que surgiram neste período no Brasil.

Estas décadas foram de grande efervescência cultural, temos vários movimentos de jovens; dos hippies e a revolução sexual; o movimento norte-americano dos “Panteras Negras”; as feministas lutando por seus direitos, enfim, aparece como uma década de contestações, de „rompimento” com a “Cultura Oficial”, com o poder vigente. No Brasil vimos surgir „movimentos” como a Tropicália, os Teatros de Arena, o Cinema Novo, a Bossa Nova e os festivais de Música Popular Brasileira que fora palco para nomes como Gilberto Gil, Geraldo Vandré, Elis Regina, Caetano Veloso e vários outros cantores que também viam em sua arte, a música, uma forma de contestação dos costumes propostos pela sociedade daquela época. Ferreira nos apresenta uma síntese elaborada por Ridente na qual analisa que,

Talvez os anos 1960 tenham sido o momento da história republicana mais marcado pela convergência revolucionária entre política, cultura, vida pública e privada, sobretudo entre a intelectualidade. [...] As propostas de revolução política, e também econômica, cultural, pessoal, enfim, em todos os sentidos e com os significados mais variados, marcaram profundamente o debate político e estético. Rebeldia contra a ordem e revolução social por uma nova ordem mantinham diálogo tenso e criativo, interpenetrando-se em diferentes medidas na prática dos movimentos sociais, expressa também nas manifestações artísticas.¹⁷

Este período da história mundial ficara marcado pela bipolarização do mundo que se deu durante a Guerra-Fria, de um lado a democracia e a economia capitalista dos Estados Unidos da América, do outro o sistema socialista da então União das Repúblicas Socialistas

¹⁷FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Coleção O Brasil republicano (volume IV). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 135.

Soviéticas que apresentava alguns desgastes após a quebra de relações entre a URSS e a China no ano de 1962. A América Latina sofreu grande interferência norte-americana, chegando a instituir diversos governos ditatoriais após a década de 1960.

Segundo Alves,

[...] Com o advento da guerra fria, elementos da teoria da guerra total e do confronto inevitável das duas superpotências incorporaram-se à ideologia da segurança nacional na América Latina. A forma específica por ela assumida na região enfatizava a 'segurança interna', face à ameaça de 'ação direta' do comunismo. Desse modo, enquanto os teóricos americanos da segurança nacional privilegiavam o conceito de guerra total e a estratégia nuclear, [...] os latino-americanos preocupados com o crescimento de movimentos sociais da classe trabalhadora, enfatizaram a ameaça da subversão interna e da guerra revolucionária.¹⁸

O Brasil foi o primeiro país da América Latina a vivenciar uma imposição de uma ditadura militar sobre um Estado Democrático, isto ocorreu em 1964 quando os militares destituíram João Goulart do governo que vinha incomodando vários setores da sociedade com suas *Reformas de Base*, aplicando a Doutrina de Segurança Nacional que seguia as diretrizes da política e economia dos Estados Unidos da América.

As *Reformas de Base* foram pensadas, e estiveram mais propícias a serem executadas, durante o governo de Jânio Quadros, que se renunciou ao poder, posteriormente assumido por João Goulart em 1961. João Goulart nomeara Celso Furtado, um intelectual de esquerda vinculado a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) para compor o Ministério do Planejamento juntamente com San Tiago Dantas para o Ministério da Fazenda.

Estas reformas, também conhecidas por Plano Trienal¹⁹ foram apresentadas e apreciadas no Congresso Nacional no primeiro semestre de 1963, visando uma reforma constitucional que pudesse propiciar a implementação da reforma agrária no Brasil, além de requerer as reformas administrativas, bancária e fiscal. Neves nos apresenta em seu texto *Frente parlamentar Nacionalista: utopia e cidadania* um trecho da fala de Sérgio Magalhães, nome de importância frente ao movimento nacionalista, que em 1964 dizia às vésperas do golpe militar ocorrido neste mesmo ano,

Todas as providências de caráter superficial, geralmente aceitas pelas classes dirigentes para debelar a crise, já não produzem mais efeitos, evidenciando a necessidade das reformas de base. Reforma para modificar a estrutura agrária, reforma bancária progressista para colocar a crédito a serviço do desenvolvimento nacional, reforma tributária para diminuir as desigualdades sociais e reforma administrativa para acabar com a ineficiência e a corrupção [...] Reformas autênticas só serão executadas quando as forças progressistas dominarem a situação.

¹⁸ ALVES, Maria H. Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 39-40.

¹⁹ Para maiores detalhes sobre este assunto ver: ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de; BARRETO, Túlio Velho (Orgs.). **1964: o Golpe passado a limpo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

E ainda:

Não se pode fazer reforma agrária sem a participação dos lavradores, do mesmo modo que não se pode fazer a reforma bancária sem a participação dos bancários. A solução não consiste, portanto, em suprimir a democracia, mas, ao contrário, em estendê-la.²⁰

A crença na mudança, que poderia se concretizar no governo de Jango, contagiava diversos segmentos da sociedade brasileira, haviam, por exemplo, os militantes de esquerda que pensavam na possibilidade da implantação de um governo socialista neste país, outros ansiavam apenas por mudanças pontuais, alguns setores políticos ligados ao capital internacional, a classe média, militares e até mesmo a Igreja incomodaram-se com os caminhos que o governo de João Goulart pareceria adentrar, havia o temor pelo caráter das *Reformas de Base*, de que o país estivesse abrindo as portas para o socialismo.

Em 1963, João Goulart passou a governar com amplo apoio popular, mas ainda sofreria animosidade de setores industriais, setores da classe média, financeiros e militares que viam o governo de Jango seguindo os trilhos da política cubana.

No dia 13 de março de 1964, um total de 250 mil pessoas reuniram-se no Rio de Janeiro, na Central do Brasil, sendo favoráveis às reformas. Diante disto, em 19 de março deste mesmo ano, temendo um avanço comunista no Brasil, fora organizada a “Marcha da Família, com Deus, Pela Liberdade” onde participaram cerca de 500 mil pessoas, de acordo com Fausto²¹.

As Forças Armadas Brasileiras estiveram ligadas a *Doutrina da Segurança Nacional* pensada pelo militares brasileiros, segundo Fausto, esta doutrina foi apoiada pelo governo norte-americano, sendo gerada na Escola Superior de Guerra, ainda segundo ele,

A vitória da Revolução Cubana demonstrava aos olhos de determinados setores militares a implantação, no mundo subdesenvolvido, de uma guerra revolucionária que corria paralelamente ao confronto entre os dois grandes blocos de potências. Pare esses militares, a guerra revolucionária, cujo objetivo final seria a implantação do comunismo, abrangia todos os níveis da sociedade e usava como instrumentos desde a doutrinação e a guerra psicológica até a luta armada. Por isso mesmo, era necessário opor a ela uma ação com mais amplitude. As Forças Armadas, neste contexto, deviam ter um papel permanente e ativo, tendo como objetivo derrotar o inimigo, garantindo a segurança e o desenvolvimento da nação.²²

Em 30 de março de 1964 Jango proferiu um discurso durante uma reunião de sargentos no Automóvel Clube em que disse:

²⁰ NEVES, Lucília de Almeida. Frente Parlamentar Nacionalista: utopia e cidadania. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 27, 1994. p. 70.

²¹ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12º edição, 1º reimpressão. São Paulo: Edusp, 2006.

²² FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12º edição, 1º reimpressão. São Paulo: Edusp, 2006. p. 452.

A crise que se manifesta no país foi provocada pela minoria de privilegiados que vive de olhos voltados para o passado e teme enfrentar o luminoso futuro que se abrirá à democracia pela integração de milhões de patrícios nossos na vida econômica, social e política da Nação, libertando-os da penúria e da ignorância. **O momento que estamos vivendo exige de cada brasileiro o máximo de calma e de determinação, para fazer face ao clima de intrigas e envenenamentos, que grupos poderosos estão procurando criar contra o governo, contra os mais altos interesses da Pátria e contra a unidade de nossas Forças Armadas.** Para compreender o esquema de atuação desses grupos que tentam impedir o progresso do país e barrar a ampliação das conquistas populares, basta observar que são comandados pelos eternos inimigos da democracia, pelos defensores dos golpes de estado e dos regimes de emergência ou de exceção. [...] E a maior resposta a esses fariseus foi dada por aquele prelado brasileiro que, a 2 de fevereiro de 1963, afirmava que os ricos da América Latina falam muito em reformas de base, **mas chamam de comunistas aqueles que se decidem a levá-las à prática.**[...] Continuemos, ao lado das nossas mães, mulheres e filhos, a acompanhar as suas orações e a prestigiar e respeitar a sua fé e os seus sentimentos, que são também os nossos. Mas **não nos iludamos diante da torpe exploração que procura envolver os sentimentos mais puros, como se a religião e a fé fossem servir de escudo a interesses contrários ao nosso país** - e muito menos podemos admitir que o dinheiro do Ibad venha a macular a pureza das nossas instituições cristãs e do sentimento religioso dos nossos filhos.[...] **As reformas que nós pedimos, senhores suboficiais, senhores sargentos, as pedimos rigorosamente dentro da Constituição.** As atitudes que vêm caracterizando a ação do governo, as suas providências, as leis e os decretos que vem assinando o governo em benefício do povo são também efetuados rigorosamente dentro da lei e dentro da Constituição.²³ [Grifo nosso]

Este discurso de João Goulart foi proferido devido a uma insurreição que se via iminente após o Supremo Tribunal Federal votar contra a elegibilidade dos sargentos, com isto foi deflagrada a Revolta dos Sargentos de Brasília que acabou atingindo a Aeronáutica e a Marinha, porém a situação fora controlada graças a não adesão de efetivos do Exército.

Neste discurso Jango salienta as pressões que seu governo enfrentava daqueles que ele chama por "profissionais da remessa ilícita de lucros", que não estavam contentes com a lei assinada que monopolizava a Petrobrás para a importação de petróleo, e também dos proprietários profissionais de apartamentos que faziam pura especulação imobiliária em Copacabana, alugando estes apartamentos não mais em cruzeiros e sim em dólares, dentre outros. João Goulart recebia críticas tanto da direita que o pregava como inimigo do capitalismo, suscitando uma luta de classes, quanto de alguns membros da esquerda que não viam todos os seus anseios sendo contemplados.

Segundo Boris, no momento deste discurso do Jango, o golpe já estava em marcha,

Ele foi precipitado pelo general Olímpio Mourão Filho [...]. Com o apoio do governador Magalhães Pinto, Mourão mobilizou a 31 de março as tropas sob seu

²³ Discurso de João Goulart pronunciado durante reunião de sargentos no Automóvel Clube em 30 de março de 1964. Disponível em: <<http://www.gedm.ifcs.ufrj.br/upload/documentos/42.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

comando sediadas em Juiz de Fora, deslocando-se em direção ao Rio de Janeiro. A situação se definiu com rapidez inesperada, pois aparentemente um confronto entre tendências militares opostas parecia inevitável [...]. As tropas do II Exército sob o comando do general Amauri Krueel, que se deslocavam pelo Vale do Paraíba em direção ao Rio confraternizaram-se com as do I Exército. Na noite de 1º de Abril, quando Goulart rumara de Brasília para Porto Alegre, o presidente do Senado Auro Moura Andrade declarou vago o cargo de presidente da República. Assumiu o cargo, na linha institucional, o presidente da Câmara Raniere Mazzilli. Mas o poder já não estava nas mãos dos civis e sim dos militares.²⁴

Em 31 de março de 1964 os militares saíram vitoriosos no plano que arquitetaram para a derrubada do Presidente da República. Logo trataram de promulgar decretos e Atos Institucionais a fim de legitimar e legalizar as suas ações políticas.

Mesmo setores da classe média, da Igreja, que antes foram coniventes com o golpe de 1964 passaram a manifestar contra o novo governo instaurado que começara a mostrar seu caráter ditatorial.

Em 1968, tivemos uma manifestação a favor da democracia que contou com setores antes favoráveis à destituição de Jango, em 25 de junho de 1968, em decorrência da morte do estudante Édson Luís de Lima Souto, tivemos a "Passeata dos cem mil" que reuniu intelectuais, estudantes, artistas, setores da igreja e da classe média.

A promulgação do Ato Institucional Número 5, dando início ao governo de Médici, deixou claro o real caráter destes governos militares que se instalaram a partir de 1964, segundo Cecília,

Apesar da implantação em 1964 de um governo de força, somente a partir do AI-5 é que a tortura se tornou uma política oficial de Estado. A vitória da chamada "linha dura", o golpe dentro do golpe instituíram o terrorismo de Estado que utilizou sistematicamente o silenciamento e o extermínio de qualquer oposição ao regime. O AI-5 inaugurou também o governo Médici (1969-1974), período em que mais se torturou em nosso país.²⁵

O governo se aparelhou de vários mecanismos visando a manutenção da ordem, como por exemplo, com o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), o DOI-CODI (Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna), o SNI (Serviço Nacional de Informações) e, soma-se a isto, a censura que se aplicava aos professores nas escolas limitando os conteúdos a serem explicados em sala de aula ou com a obrigação de lecionar as disciplinas de Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Moral e Cívica que exaltavam as ações deste governo apresentando-o como a solução incontestável para o desenvolvimento deste país.

²⁴ FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2006. p. 460-461.

²⁵ Depoimento concedido ao Comitê Contra a Tortura na ONU. Disponível em: <<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/artigos.asp?Codartigo=45&ecg=1>>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

E é neste contexto, de dura repressão, de incertezas e de anseios que surgirá em 1969 o jornal *O Pasquim*, que investirá contra o autoritarismo na esfera dos costumes, criticará o governo vigente e o falso moralismo da classe média.

1.2 Algumas características da Imprensa Alternativa no Brasil

Entre 1964 e 1980, durante a ditadura militar no Brasil pelo menos 150 periódicos que possuíam em comum a oposição ao regime militar nasceram e deixaram de existir. Estes periódicos eram denominados de *imprensa nanica*, *imprensa alternativa*, *imprensa independente*, *de esquerda* e/ou ainda *underground*.

O termo *nanica*²⁶, disseminado por publicitários cativados por estes jornais, segundo Caparelli²⁷, tivera ampla aceitação para designar este tipo de imprensa, mas logo deixara de ser usado, pois este termo não dava conta das especificidades destes impressos, como o fato de não indicar nada sobre o surgimento desta imprensa, e por significar algo *pequeno*, *acanhado*, o que de fato correspondia às dimensões deste empreendimento, mas no que se refere ao jornal *O Pasquim*, este de *nanico* nada tinha, este semanário chegou a tiragens de mais de 200 mil exemplares em seu ano de estréia.

Ainda segundo Caparelli, o termo „Política“ para designar esta imprensa também não é o mais apropriado, pois, referia-se a esta tipo de empreendimento como se fosse político não se atentando ao fato de que todo jornal brasileiro é político. Esta nomeação buscava definir um meio para a propagação de determinada ideologia, e Caparelli defende que todos os jornais são ideológicos, pois "acontece que é próprio da ideologia dominante considerar como naturais as idéias dominantes, procurando ideológica e falsamente apresentá-las como objetivas, neutras"²⁸. De acordo com este estudioso o termo „Alternativa“ é o mais apropriado para designar esta imprensa, isto porque, principalmente, este conceito sugere uma referência ao contexto de seu surgimento. Segundo Caparelli,

Alternativa indica uma relação com outro, um *alter* que chama a si os que se desviam de um caminho inicial, no caso, a imprensa tradicional. Aqui, alternativa

²⁶ A imprensa *nanica* seria um desdobramento da imprensa alternativa, esta fora inspirada no formato de tablôide utilizado por vários jornais alternativos que teria um formato pequeno. Em geral este tipo de jornal se fazia de forma artesanal e mimeografada. Este termo se cunhava, segundo Kucinski, pelo sistema partindo de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. A expressão *nanica* teria sido utilizada pela primeira vez por João Antonio na matéria "Aviso aos Nanicos" publicado no jornal *O Pasquim* de número 318 de 1 a 7/8/1975 e também na Revista Realidade Brasileira em 1977 intitulado *Escritores Malditos*.

²⁷ CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986. p. 43.

²⁸ CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

poderia ser do ponto de vista do produtor, que, não contente com a imprensa tradicional, se propõe elaborar ele mesmo seu produto.²⁹

Para Jaguar, um dos fundadores do jornal *O Pasquim*, a criação dos jornais alternativos seria uma saída para eles, os fundadores do jornal, terem jornais próprios, pois "o principal motivo era que nós, que fundamos o jornal, queríamos ser donos dos nossos narizes, ou melhor, de nossas matérias, sem ter que dar satisfação a patrões".³⁰

De acordo com Kucinski³¹ o termo *alternativa* compreende quatro significados que melhor definem esta imprensa: como o fato desta ser algo que não está ligado a políticas dominantes; ser uma opção entre duas coisas mutuamente excludentes; ser vista como a única saída para uma situação difícil e ainda corresponder ao desejo das gerações das décadas de 1960 e 1970 de protagonizar as transformações sociais que propunham.

Nestas três definições - de Jaguar, Caparelli e Kucinski - de Imprensa Alternativa, podemos chegar ao consenso de que: Esta imprensa é uma alternativa tanto quanto à imprensa dita como grande, oficial, quanto aos valores e costumes da época em que surge; seria também uma alternativa à imposição das editoras, das distribuidoras e da lógica do mercado.

Portanto, entendemos a imprensa alternativa enquanto alternativa ao que se está posto, alternativa à imprensa oficial, uma válvula de escape para os intelectuais deste período que não podiam publicar seus anseios, suas idéias nos veículos da imprensa oficial, da grande imprensa. Enfim, esta imprensa alternativa, configura-se como um novo espaço para a publicação, suscitação de novas ideias, novos problemas a serem discutidos, e principalmente configura-se enquanto um espaço de oposição, de críticas ao regime instaurado no país, aos setores e imprensa favoráveis a este regime.

A maior parte da intitulada grande imprensa foi conivente com o golpe militar de 1964, alguns impressos como o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Diário de Notícias*, *Estado de S. Paulo*, *Correio da manhã*, por exemplo, chegaram a exigir a destituição de João Goulart, posteriormente alguns destes jornais viriam criticar o novo regime político, como o caso do jornal *Correio da manhã*, que abordaremos na próxima sessão.

Enquanto havia uma condescendência da grande imprensa para com o regime militar no Brasil, a imprensa alternativa surgia em negação a este regime cobrando a restauração da democracia e o cumprimento dos direitos humanos, não deixando de lado a contestação do modelo econômico aplicado por estes governos autoritários, que como veremos adiante, com

²⁹ CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de Massa sem Massa*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986. p. 46.

³⁰ CAPARELLI, Sérgio. *Comunicação de Massa sem Massa*. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986. p. 45.

³¹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa*. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 13.

o "Milagre Econômico" de 1969 a 1973 vivenciado durante o governo Médici intensificou, ou pelo menos não modificou, a situação de pobreza em que a camada popular da sociedade se encontrava.

O aparelho militar diferenciava os jornais alternativos dos demais, desta forma, perseguia-os e submetia aqueles jornais que achavam mais importantes, com maior alcance político, a um regime especial de censura prévia ³². Partindo do ideário da *Doutrina de Segurança Nacional* eram tomados como verdadeiros inimigos do poder instituído, como organizações favoráveis ao comunismo internacional, que tinham como tarefas a difusão do marxismo e isolar o governo.

De acordo com Kucinski haviam, basicamente, duas grandes classes de jornais alternativos, sendo,

Alguns, predominantemente políticos, tinham raízes nos ideais de valorização do nacional e do popular dos anos 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960. Em geral pedagógicos e dogmáticos, os jornais alternativos políticos foram, no entanto os únicos em toda a imprensa brasileira a perceberem os perigos do crescente endividamento externo, ainda em 1973, e o agravamento das iniquidades sociais. ³³

Estes jornais revelaram novos sujeitos da sociedade, como por exemplo, os homossexuais, as mulheres, as feministas, os negros, os pobres, publicavam as reivindicações e protestos dos movimentos populares e debatiam temas clássicos das esquerdas. Ainda segundo Kucinski durante maior parte do ciclo alternativo predominou a linguagem dogmática e uma postura pudica na maioria dos jornais políticos, estes refletiam o marxismo de cunho religioso e os preceitos morais do PCdoB (Partido Comunista do Brasil).

A outra classe de jornais ancorava-se nos movimentos de contracultura norte-americanos e, partindo deles, criavam raízes no orientalismo, no existencialismo e no anarquismo. Esta classe de jornais repudiava a primazia do discurso ideológico, voltavam-se muito mais à crítica dos costumes e desejavam uma ruptura cultural. Para Kucinski, estes jornais que rejeitavam o autoritarismo na esfera dos costumes e o moralismo falso da classe média, "além de introduzirem no Brasil temáticas da contracultura, alguns de seus protagonistas experimentaram drogas, em especial o LSD, em busca de novos modos de percepção." ³⁴

³² KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

³³ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 14.

³⁴ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p.15.

Muitos intelectuais deste período defendiam a utilização destes entorpecentes como forma de se desligar do mundo a fim de abrir a mente para novas percepções, que passaram a ser exigidas frente ao contexto de incertezas e desilusões que a década de 70 apresentou a estes indivíduos. Segundo Luis Carlos Maciel,

As drogas tiveram a importância que sabemos, porque ofereciam uma possibilidade de transformar esse estado de consciência, e transformavam mesmo. O prestígio que o LSD e outras drogas tiveram era exatamente em função dessa perspectiva que ofereciam, de desmanchar a cabeça feita pelo sistema e poder fazer uma outra cabeça.³⁵

Braga³⁶ no entanto observa que estes jornais alternativos de cunho existencialistas atuavam no campo da contingência política, por vezes opunham mais ferozmente ao regime do que os marxistas. Seus integrantes, segundo Kucinski,

[...]. Haviam adotado o existencialismo mais como uma fuga instintiva do dogmatismo das esquerdas e da própria realidade opressiva do que como adesão a uma nova acepção de ser. Não criticavam a cultura estabelecida das esquerdas; apenas, não mais a adotavam como filosofia de vida.³⁷

O recurso às drogas no Brasil não fora um identificador da intelectualidade, e sim um divisor, defende Kucinski³⁸ que a identificação que havia entre toda a imprensa alternativa era a contingência do combate político-ideológico à ditadura e a tudo que ela representava, como o capitalismo periférico e o imperialismo.

Jornais como o *Flor do Mal*, *O Pasquim*, *Bondinho* e *A Pomba*, procuravam romper com as práticas jornalísticas estabelecidas pela grande imprensa, deste modo, estes jornais supracitados foram alguns dos principais veículos da contracultura no Brasil, segundo Hollanda, "são jornais que deixam de buscar o tom "objetivo" e a suposta neutralidade da linguagem da imprensa tradicional em favor de um discurso que não dissimula sua parcialidade e leva em conta abertamente a impressão e a subjetividade"³⁹, como veremos adiante no *O Pasquim*, que é considerado por muitos estudiosos da comunicação como o jornal que revolucionou a linguagem da imprensa no Brasil.

Pereira defende que, de uma maneira geral, falar de imprensa alternativa no Brasil requer atentar-se para suas críticas que se dão para além da oposição à ditadura militar, à

³⁵ Entrevista concedida em 7 de julho de 1979. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 101.

³⁶ BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba...** Brasília: UnB, 1991.

³⁷ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 15.

³⁸ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 16.

³⁹ HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 63-64.

forma política, pois esta imprensa "opôs-se ao seu conteúdo anti-nacional e anti-popular, opôs-se à monopolização da economia, à sua integração com as grandes trustes financeiras e internacionais" ⁴⁰.

A imprensa alternativa tem como uma de suas características, que a diferencia dos demais jornais, o repúdio ao lucro, em alguns casos representantes desta imprensa não dão importância às questões administrativas, às questões organizacionais e comerciais.

Neste contexto, tivemos no Brasil o surgimento de diversos jornais, como por exemplo, *Amanhã*, *O Sol*, *Pif-Paf*, *Opinião*, *Movimento*, *Ex*, *Em Tempo*, *De Fato*, *Nós Mulheres*, *Ecojornal*, *Carapuça*, dentre outros, muitos destes jornais surgiram e desapareceram durante o golpe, outros resistiram até a promulgação do Ato Institucional Número 5, alguns viriam surgir na década de 1970 e vários outros surgiram durante a abertura política.

Kucinski afirma que de um total de quase 150 jornais alternativos no Brasil, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência ⁴¹. Cerca de 25 jornais apenas, concebidos por uma articulação mais densa, gozaram de um período de existência mais longo, em torno de 5 anos. Muitos como o *Pif-Paf* de Millôr, o *Amanhã* e *Informação* conseguiram exercer grande influência nos campos da política e do jornalismo mesmo tendo publicado poucas edições. Apesar da grande diversidade de propostas editoriais, variedades temáticas, regional e ideológica, nenhum destes jornais sobreviveu ao regime autoritário, que fora motivo de surgimento e contestação destes jornais, conservando seus traços originais, dos poucos que sobreviveram ao regime, alguns acabaram se inserindo na lógica do mercado, ou servindo a partidos políticos, perdendo assim suas propostas iniciais.

Kucinski ao se perguntar sobre os motivos que levaram estes jornais alternativos a desaparecerem tão rapidamente chega a uma resposta corrente, incorporada ao sendo comum, de que,

Sua única razão de existir era a Resistência. Não tinham porque sobreviver ao regime militar. Subjacente a esse raciocínio está um modelo reativo de imprensa alternativa parcialmente corroborado por fatos como um sistema termodinâmico no qual a cada aumento ou diminuição da pressão autoritária corresponderia um aumento ou diminuição da atividade alternativa. A falha desse modelo está em atribuir a uma lógica única e exógena a gênese e a morte da imprensa alternativa, fenômenos que devem ser buscados principalmente no imaginário de seus protagonistas, daqueles que a fizeram e não nas ações daqueles que não a quiseram. A repressão, os sequestros de edições, a censura prévia, os processos políticos, tudo

⁴⁰ Pereira in: FESTA, Regina e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (Org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p.57.

⁴¹ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

isso precipitava crises latentes dentro dos jornais; raramente foram as causas diretas do seu fechamento.⁴²

A imprensa alternativa no Brasil foi se "desintegrando" aos poucos, alguns jornais desapareciam em questões de semanas após seu surgimento por não conseguirem conviver com a censura, por não ter e não querer políticas de administração claras, por falta de organização editorial, de distribuição, e inúmeros outros fatores que não gravitam apenas sobre o processo de abertura política. É certo que, com este processo, a imprensa alternativa perdeu campo para a grande imprensa que começou a abordar os mesmos assuntos que esta e também a incorporar jornalistas vindos desta, como é o caso de alguns fundadores e colaboradores d'*O Pasquim* que irão integrar revistas como a *Isto É*, a *Rede Globo de Televisão*, entre outros. Não temos como proposta desta pesquisa apresentar o motivo real pelo qual estes impressos alternativos deixaram de existir ao longo dos governos autoritários e do processo de abertura política, mas, não devemos deixar de refletir porque jornalistas e intelectuais que haviam comprometido com seus projetos, citando novamente aqui o caso do jornal *O Pasquim*, abandonam estes projetos e se aliam a grande imprensa, a qual anteriormente pudera ter sido criticada por estes mesmos indivíduos?

1.3 O surgimento d'*O Pasquim*

O jornal *O Pasquim* surgiu em 26 de junho de 1969, ao custo de NCr\$ 0,50, na cidade do Rio de Janeiro tendo como fundadores e colaboradores vários jornalistas e intelectuais, artistas populares, cronistas, já atuantes profissionalmente no cenário cultural e jornalístico brasileiro, além disto propiciou a carreira de vários novos cartunistas.

A Palavra *Pasquim*, da qual o jornal se intitula, fora uma idéia de Jaguar⁴³ prevendo que posteriormente os críticos e demais pessoas chamariam este jornal de *pasquim*, esta palavra de origem italiana, *paschino*, que significa jornal ou panfleto difamador. Este tipo de jornal que se caracterizava pelo formato de tablóide, foram recorrentes na França em meados de 1529 apresentando-se como folhas volantes de caráter difamador. Já *O Pasquim* aqui estudado apresentava-se em forma de tablóide, em edições semanais impresso em papel jornal, na maioria das edições predominantemente com tinta preta, sendo algumas edições a partir de 1970 contempladas com alguns desenhos e capas coloridas. Cada edição contava

⁴² KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 25.

⁴³ **O Pasquim – a Subversão do Humor**, direção de Roberto Stefanelli, 2004, Brasil, 44min.

com aproximadamente 32 páginas⁴⁴, estas que apresentavam entrevistas de políticos e artistas, crônicas, críticas e claro todas elas dotadas de ironia, humor, utilizando várias imagens fotográficas, cartuns e charges como forma de potencializar o sentido reflexivo.

O Pasquim foi um projeto idealizado, nestes moldes, principalmente por Jaguar, visando um novo espaço para todos os humoristas brasileiros.

Devemos lembrar que a partir de 1964 temos a promulgação de vários Atos Institucionais e Emendas que ampliavam os poderes do governo, como por exemplo, o Ato Institucional número 1 promulgado ainda em abril de 1964, estabelecia a cassação de direitos políticos de pessoas que de alguma forma representavam um empecilho ao regime, entre estes cassados encontrava-se o presidente João Goulart e o ex-ministro do Planejamento Celso Furtado; O AI- 2 estabelecia que a eleição para presidente e vice-presidente da República deveria ser realizada pela maioria absoluta do Congresso Nacional, sendo em sessão pública e com votação nominal, estabeleceu também o bipartidarismo, lançando como partido de apoio ao governo a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), e a oposição se dava pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), além disto, permitiu-se ao Presidente da República decretar atos complementares e decretos-leis quando convenientes. Destes Atos Institucionais, que já vinham suspendendo os direitos de muitos cidadãos contrários ao governo, o AI-5 estabeleceu de fato a repressão, a censura, suspendia-se todas as garantias constitucionais e individuais, veio em resposta ao crescente apoio da classe média às manifestações estudantis, como a ocorrida após a morte do estudante Édson Luís de Lima Souto em 25 de junho de 1968 conhecida como "Passeata dos cem mil" que reuniu artistas, intelectuais, estudantes, setores da classe média e da Igreja insatisfeitos com o sistema político que estava em curso.

Com a promulgação dos Atos Institucionais⁴⁵, que cada vez mais limitavam as diversas expressões individuais e coletivas que se mostrassem contrárias ao governo em curso, ou que assim fossem interpretadas pelos censores, expandiu-se o humor na grande imprensa.

O jornal *Correio da Manhã*, único jornal da chamada grande imprensa que condenava o autoritarismo e as violações dos direitos humanos ocorridos após o golpe militar de 1964 serviu como espaço para os humoristas cariocas apresentarem suas criações, juntamente com o *Pif-Paf* planejado por Millôr pouco antes do golpe, estes jornais foram os primeiros a mostrarem reação destes humoristas frente às imposições do governo autoritário.

⁴⁴ Quando a censura ao *Pasquim* se tornou mais ferrenha, obrigando seus redatores a enviar o jornal para Brasília para que os órgãos censores o analisassem, este jornal chegou a apresentar edições com apenas oito páginas.

⁴⁵ Sobre este assunto ver: KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

Ziraldo lança no ano de 1967 no *Jornal dos Sports* um suplemento chamado *Cartum JS*, onde foi revelada uma nova geração de chargistas, dentre estes temos Juarez Machado, Miguel Paiva e Henfil. Lançou também um caderno de humor na revista *O Cruzeiro* intitulado *O Centavo* que reunia novatos e veteranos.

Henfil foi a maior revelação estimulada por Ziraldo, em 1964 ele havia criado uma dupla de personagens na revista *Alterosa* de Belo Horizonte.⁴⁶ São os Fradinhos, que viria inovar a charge política e a tira humorística no Brasil. Estas personagens que representavam dois frades dominicanos de forma esquizofrênica foram criados em parte pelo desejo de Henfil continuar no emprego que estava ameaçado caso não criasse um personagem novo, já que segundo ele havia o veto às charges políticas nesta cidade. Tais personagens também surgiram como uma expressão do conflito instaurado no Brasil pelo golpe de 1964 onde, pelo ponto de vista de Henfil, há a destruição dos sentimentos de fraternidade.

Ziraldo esteve presente em vários alternativas humorísticos cariocas, como por exemplo, no já citado *Cartum JS* do *Jornal dos Sports*, *O centavo* da revista *O Cruzeiro* e *Manequinho* do *Correio da Manhã*, *Poder Jovem* e *O Sol*. Millôr lança o tablóide *Pif-Paf* em 1964; Luis Carlos Maciel lança o jornal *Underground* e terá também uma seção no jornal *O Pasquim* intitulada *udigrudi*, lança também *Flor do Mal* em 1970; Sérgio Porto além de contribuir nos periódicos *Tribuna da Imprensa*, *O Jornal*, *O Cruzeiro*, *Manchete* e *Mundo Ilustrado* entre outros, lança *A Carapuça* em 1968 que desapareceu após a morte deste; Tarso de Castro que contribuía com o jornal *Última Hora* entre outros, compõe os jornais *Já* lançado em 1971 e *Enfim* de 1979; Henfil dispunha de uma área própria no *Jornal dos Sports*, além deste publicava no *Correio da Manhã* e na revista *O Cruzeiro* e no *Cartum JS*, publica também o almanaque *Fradim*. Jaguar começou como cartunista em 1957 na revista *Manchete* colaborando com esta até 1974, colaborou também com as revistas *Senhor*, *Civilização Brasileira*, nos jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*, e com o semanário *Pif-Paf*, dentre outros.

Muitos destes jornais e revistas supracitados foram fechados, como o caso do *Correio da Manhã* que após sofrer dois atentados e ter seu diretor-superintendente Oswaldo Peralva preso por uma semana em dezembro de 1968 e posteriormente a proprietária Niomar Muniz Sodré e seu diretor Nelson Batista em janeiro de 1969, teve sua edição apreendida e sua sede ocupada por policiais durante uma semana, estes fatos fizeram com que os responsáveis pelo jornal pedissem concordata, e em setembro de 1969 fora arrendado a terceiros. Em fins de

⁴⁶ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

1967 o *Cartum JS* e *O Centavo* foram fechados, os humoristas tiveram como alternativa migrarem para o *Correio da Manhã*, como supracitado também extinguiu-se após a promulgação do Ato Institucional 5, desaparece com ele o suplemento humorístico *Manequinho*.

Da necessidade de criar um novo espaço, próprio, independente que possibilitasse aos humoristas, no caso dos veteranos terem espaços mais livres, visto que muitos jornais foram extintos e os que ainda restavam possuíam certas regras ou limitações, já para a nova geração o desejo era de conseguir se expressarem sem a grande concorrência com o humor exportado do estrangeiro e com o produzido pelos próprios veteranos que ocupavam grande parte dos espaços ainda restantes, surge *O Pasquim*. Tarso de Castro sugere a utilização da revista *Carapuça*, pouco conhecida, que fora lançada por Sérgio Porto em 1968 e que chegou a vender cerca de 18 mil exemplares, porém, como supracitado com o falecimento deste o projeto tornou-se inviável. Segundo Jaguar,

O embrião do Pasquim foi gerado em setembro de 1968, no dia em que morreu Sérgio Porto, sobejamente conhecido como Stanislaw Ponte Preta. Ele era responsável pela *Carapuça*, tablóide semanal de humor. Na verdade, o jornaleco poderia continuar indo para as bancas. O autor dos textos, de cabo a rabo, era Alberto Eça, que conseguia fazer uma imitação razoável do jeito de escrever do fero cronista. O pessoal do ramo sabia que o estilo de Stan era inimitável, mas dava para enganar a plebe ignara.⁴⁷

Diante disto Jaguar achou necessário criar uma nova revista que eles próprios iriam "bancar", porém, logo no início da formação desta revista um grupo liderado por Henfil era favorável a estabelecer uma cooperativa com igualdade de direitos para todos, enquanto o outro grupo liderado por Millôr achava esta ideia incorreta e propôs que metade das cotas seria para os veteranos e outra metade dividida entre os inúmeros artistas mais jovens. Jaguar fora contra as duas propostas. Segundo Ziraldo,

[...] haviam dois grupos nesta revista a turma do Millôr, que eram nós quatro, Jaguar, Fortuna, Millôr e eu (Ziraldo), e os jovens, lançados pelo *Cartum JS*, onde tava Henfil, Joias Machado, Miguel Paiva, Wagner [...] Nessa reunião teve uma cisão, uma cizânia, o Henfil liderou um grupo, dos jovens que achava que a gente já tava velho, e eles queriam que a participação fosse igual para todos, então se o Millôr ganhasse 10% da revista o Henfil também ganharia 10% [...] O Henfil juntou aqueles jovens todos e foram para a Urca fazer uma reunião contra os velhos.⁴⁸

⁴⁷ JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (Org.). **Antologia do Pasquim**. Volume 1. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006. p. 7.

⁴⁸ **O Pasquim – a Subversão do Humor**, direção de Roberto Stefanelli, 2004, Brasil, 44min.

Diante deste impasse, *O Pasquim* estabelece uma sociedade de cotas deficiente⁴⁹, Henfil insatisfeito criou uma dissidência e recusou-se a participar do projeto, nem mesmo Millôr e Ziraldo quiseram participar no início. A direção deste jornal ficou dividida inicialmente da seguinte forma: Tarso de Castro como editor chefe; Jaguar como editor de humor, Sérgio Cabral seria o editor de texto e Carlos Prósperi como editor gráfico e a colaboração de Claudius correspondente da Suíça. Posteriormente juntou-se a estes, ainda no primeiro número como colaboradores, Ziraldo, Fortuna, Luiz Carlos Maciel, Millôr Fernandes, Chico Buarque, Marta Alencar, Odete Lara, entre outros.

A Distribuidora Imprensa, de Murilo Reis ficara responsável pelas despesas, pela impressão e distribuição do jornal, que teve sua redação alocada na Rua do Resende na Lapa cedido pelo proprietário da distribuidora.

A primeira tiragem d'*O Pasquim* fora lançada com 14 mil exemplares, o sucesso foi tão grande que se fez necessário uma segunda tiragem no mesmo valor. A capa da primeira edição estampava a foto do colunista social Ibrahim Sued e anunciava uma matéria com Odete Lara e Chico Buarque. A entrevista de Ibrahim foi feita por Jaguar, que não tendo conhecimento sobre a prática jornalística, da transcrição das entrevistas pelo *Copy-Desk*, que deveria ter um jornalista responsável para editar o texto deste gênero do jornalismo, transcreveu toda a conversa de acordo com o que foi capturado pelo gravador, apresentando nas folhas do jornal uma conversa com tom coloquial, informal que viria influenciar a linguagem jornalística de boa parte da imprensa brasileira. De acordo com Kucinski este era um dos elementos, juntamente com o humor gráfico, que caracterizavam este jornal durante toda a sua existência, além destes haviam

[...] A grande entrevista, provocativa, dialogada, as dicas de restaurantes sugeridas por Jaguar e escritas por sua mulher Olga Savary, e que seriam depois imitadas por quase toda a imprensa brasileira; o bairrismo, a página 'underground' de Luiz Carlos Maciel; o personagem imaginário, Pedro Ferreti, pseudônimo compartilhado por todos os redatores, quando queriam criticar anonimamente; os artigos corrosivos de Paulo Francis; o ratinho Sig, criação de Jaguar em homenagem a Sigmund Freud, e inspirado em Hugo Leão de Castro, morador de Ipanema que sempre levava um ratinho ao ombro; a enorme seção de cartas, as tiras de *chopnics*, personagem sugerido pelo publicitário Castro Neves, combinando os "beatniks" com chopps, e criado por Jaguar e Ivan Lessa, com grande sucesso ainda antes d'*O Pasquim*, quando aparecia simultaneamente no *Jornal do Brasil* e *Jornal dos Sports*.⁵⁰

⁴⁹ As cotas ficaram divididas entre 50% para o proprietário da distribuidora, e os outros 50% divididos entre os jornalistas e humoristas. A administração d'*O Pasquim* sempre fora instável, não se importando com regras básicas de administração, controle financeiro e de estoque.

⁵⁰ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003. p. 211.

Logo *O Pasquim* começa a criar uma identificação com público, já em sua edição de número 6 este jornal se utiliza da técnica do deboche ao ridicularizar a chegada do homem à Lua que foi amplamente divulgada com pompa pela grande imprensa, este recurso será utilizado até o fim do jornal e terá maior visibilidade nas críticas feitas ao "Milagre Econômico".

Segundo Ziraldo, *O Pasquim* foi feito para Ipanema⁵¹ que, para ele, pautava o Brasil, mas ao conquistar São Paulo aos poucos foi conquistando o país e revolucionando a imprensa ao utilizar da linguagem coloquial em suas matérias e da irreverência e do humor. Palavras do cotidiano foram introduzidas ao jornal, e gírias como “Eca”, “Putzgrila” entre outras, ganharam a geração jovem da década de 1970. *O Pasquim* conquistou não só a “elite pensante” do Brasil, mas também diversos seguidores e fãs pelo país.

Segunda Heloisa Buarque,

O Pasquim, por exemplo, inaugura no Brasil a moda de entrevistas lidas e sem pauta, onde entrevistadores e entrevistados conversam sobre diversos assuntos e têm a transcrição do "papo" publicada sem *copy-desk*. É ainda no Pasquim que a informação da contracultura vai encontrar talvez a sua mais importante "tribuna", na página underground produzida por Luiz Carlos Maciel, cuja atuação no período pós-tropicalista é fundamental.⁵²

Os fundadores d’*O Pasquim*, em várias entrevistas concedidas ao longo destes 43 anos de seu surgimento, afirmam e reafirmam não partilharem de ideologias, dizem ter horror a esta, e que, portanto, *O Pasquim* não é um jornal de esquerda com cunho ideológico, e sim um jornal de humor que por si não deveria ter uma posição política. Mas, ao fazer as críticas de costume, que todos eles assumiam fazer, já não estão se posicionando politicamente? Ora, estão sendo contrários a uma ideologia vigente, por mais que se dizem descompromissados, suas entrevistas, seus cartuns, caricaturas e charges, bem como os jogos lingüísticos apresentados nas anedotas apresentadas nas capas a cada edição apresentam críticas a fatos da esfera política, pública e privada, críticas negativas a algo que não se concorda, logo, isto é um posicionamento político. Para tentarmos entender estas falas de alguns fundadores e colaboradores deste semanário é necessário apresentarmos um pouco do que foi a dita

⁵¹ Embora se fale muito no Pasquim como um jornal de Ipanema, a redação deste jornal nunca fora em Ipanema, segundo Millôr, “nasceu na rua do Rezende e se mudou para a Avenida Copacabana que, como o nome indica, fica em Copacabana. Como o auge de uma repressão é apenas o prenúncio de um auge maior, fugimos para a rua Tasso Fragoso, no Jardim Botânico, e, depois, no mais auge ainda, compramos a casa na ladeira da rua Saint-Romam (perto do morro dos Cabritos). **Pasquim 40 anos: edição comemorativa**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009. p. 08.

⁵² HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 63-64.

Esquerda Festiva da qual, segundo alguns setores mais ortodoxos da esquerda brasileira, *O Pasquim* fazia parte.

1.4 O Pasquim, a Contracultura e a Esquerda Festiva

Não, as capas, como o pessoal do Pasquim, como o uísque do Pasquim, não tinham ideologia. Isto é, tínhamos uma extraordinária, rara, pretensiosa ideologia, a do "Não estamos nem aí!". Não era conosco. Não tínhamos nada a ver com a solução dos problemas da pobreza, com a nojenta utilização que os ricos fazem do dinheiro, com as mulheres fazendo indignados ataques aos homens [...] Não dávamos a menor pelota às ameaças da polícia. [...] Mas estávamos em todas, gozando no mais amplo sentido.

Millôr Fernandes

Alguns autores de *O Pasquim*, no vídeo documentário *O Pasquim - A Subversão do Humor* deixam claro a ideia de que o “projeto” deste jornal não era espalhar uma ideologia política, como diz Miguel Paiva,

Era um jornal de humor, e um jornal de humor por si só não deve e nem pode ter uma posição política, ele pode ter uma posição política contrária às ideologias, ou contrárias às posturas. A função do humor, a primeira, primordial é denunciar as injustiças, as mentiras, as coisas todas, quer dizer, revelar o avesso das coisas.⁵³

No documentário *O Pasquim – A revolução pelo Cartum* Fortuna diz que,

Quando começa *O Pasquim*, *O Pasquim* se volta mais para crítica de costumes, e através da crítica de costumes não se deixava de estar fazendo uma crítica ao próprio regime que estava instalado no país. Era uma crítica aos valores da classe média, que estava apoiando o golpe neh?!⁵⁴

E Millôr Fernandes, falando também sobre ideologia, no mesmo documentário citado acima diz,

Tenho terror de ideologia. A ideologia é para você se defender, você entende? Via o partido comunista, o cara saía correndo não tem duas ideias, saía correndo pro grupinho e dizia o que é que eu to pensando heim?! E no dia seguinte ele tava seguro porque ele chegava no botequim e já sabia o que devia pensar, então tinha o apoio um do outro, o difícil é você pensar por sua própria cabeça e sair contra os outros.⁵⁵

⁵³ *O Pasquim – a Subversão do Humor*, direção de Roberto Stefanelli, 2004, Brasil, 44min.

⁵⁴ *O Pasquim - a Revolução pelo Cartum*, direção de Louis Chilson, 1999, Brasil, 48 min.

⁵⁵ *O Pasquim - a Revolução pelo Cartum*, direção de Louis Chilson, 1999, Brasil, 48 min.

Carlos Alberto e Heloisa Buarque na obra *Patrulhas Ideológicas* realizam uma série de entrevistas com intelectuais questionando sobre engajamento político e sobre as ditas "Patrulhas Ideológicas". Basicamente eles nos apresentam os problemas que os artistas no Brasil começaram a vivenciar acerca da "Liberdade de Criação" frente aos cerceamentos impostos pelos "compromissos ideológicos" de todo caráter. A relação entre arte e engajamento, explicita um debate sobre,

[...] O papel do intelectual, monopólio do saber, o alcance social da arte, o gosto popular, o verdadeiro sentido de uma arte revolucionária etc. etc. Temas que, seguramente, não representam novidade no debate estético-ideológico mas que, reaparecem - principalmente no que se refere à discussão explícita em torno do engajamento - sujeitos a variações climáticas, dependendo da temperatura local.⁵⁶

Diante destas discussões ainda teríamos levantadas questões como: "O intelectual deve partir para a ação política revolucionária direta e imediata? ou não? Existe uma eficácia pedagógica da arte socialmente comprometida? Quais as táticas de articulação com as bases?".⁵⁷

Certos seguimentos da esquerda brasileira ainda se alimentavam de teorias de Gramsci para pensar o papel da intelectualidade brasileira⁵⁸.

Gramsci acredita que para a classe operária chegar a uma consciência crítica é necessário estabelecer uma organização, esta que vem de fora e está inteiramente ligada à questão política dos intelectuais. Para Gramsci toda organização requer um intelectual, que realiza a tarefa de ligar a teoria à prática, fazer o nexo entre estrutura e superestrutura.

O Governo Médici, período que será abordado neste estudo na análise das charges de Nani posteriormente, de certa forma aplicou o conceito de *Hegemonia* de Gramsci ao produzir as diversas propagandas oficiais através da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP). Skidmore afirma que:

Os homens do coronel Costa transformaram a AERP, que não conseguira decolar no governo Costa e Silva, na operação de Relações Públicas mais profissional que o Brasil já vira. **Uma equipe de jornalistas, psicólogos e sociólogos decidia sobre os temas e o enfoque geral, depois contratava agências de propaganda para produzir documentários para TV e cinema, juntamente com matérias para os jornais. Certas frases de efeito davam bem a medida da filosofia que embasava a AERP: "Você constrói o Brasil"; "Ninguém segura este País!"; "Brasil, conte comigo!"**. Um estudo de 116 spots contratados com 24 agências de propaganda mostrou que oitenta por cento exaltavam a importância do trabalho, o valor da educação e o papel construtivo das forças armadas. **As mensagens**, nas palavras do

⁵⁶ HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. *Patrulhas Ideológicas*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 07-08.

⁵⁷ HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. *Patrulhas Ideológicas*. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 08.

⁵⁸ Muitos integrantes do Partido Comunista do Brasil, parte da imprensa alternativa e da esquerda brasileira se alinhavam aos ideais de Gramsci.

coronel Octavio, se destinavam a fortalecer “**uma saudável mentalidade de segurança nacional**”, que é indispensável para a defesa da democracia e para a garantia do esforço coletivo com vistas ao desenvolvimento.⁵⁹ [Grifo nosso]

Visivelmente estas propagandas buscavam estabelecer um senso comum, educar as demais classes tentando evitar conflitos entre o poder vigente e a sociedade da época.

Mas Gramsci demonstra que em toda hegemonia existe um movimento contra hegemônico, assim sendo, se por um lado a conjuntura favorecia a hegemonia da classe dominante, por outro lado favoreceria também o surgimento de forças contra-hegemônicas.

É através da instabilidade da hegemonia que surgem os movimentos contra-hegemônicos, como forma de resistência ao que está dado, estes movimentos pretendem estabelecer uma nova ordem social e política. Segundo Gramsci,

A supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção intelectual e moral”. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder.⁶⁰

A hegemonia de uma classe para Gramsci significa a sua “habilidade” para “subordinar” as demais classes intelectualmente, isto se daria por meio da educação em seu sentido mais amplo e da persuasão. A classe que pretende conquistar esta hegemonia deveria se apresentar às demais classes como a promotora da representação da sociedade, atendendo aos interesses de toda esta, para desta forma obter o consentimento voluntário que dará unidade ao grupo social, que se manteria coeso mesmo não sendo homogêneo.

Enquanto um grupo de jornais alternativos se estruturavam no pensamento marxista, sobretudo o de Gramsci, que previa estes jornais enquanto entidades autônomas, com o principal propósito de contribuir para a formação de uma consciência crítica nacional, havia um outro grupo que se norteava pela concepções filosóficas anarquistas e existencialistas⁶¹, do qual faz parte *O Pasquim*.

Segundo Luís Carlos Maciel, um dos colaboradores deste jornal,

⁵⁹ SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Castelo a Tancredo - 1964-1985**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

⁶⁰ GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 62-63.

⁶¹ "Toda criação do imaginário seria inteiramente impossível a uma consciência cuja natureza fosse precisamente ser 'no-meio-do-mundo'. [...] Pois para que uma consciência seja capaz de imaginar, ela deve ser capaz de livrar-se do mundo pela própria natureza, deve ser capaz de, pelo próprio esforço, retirar-se do mundo. Numa palavra, deve ser livre. Assim, a tese da irrealidade concedeu-nos a possibilidade de 'negação' como uma condição. Ora, esta última só é possível pela 'negação' do mundo como um todo, e essa negação tem-se mostrado a nós, como sendo o oposto da liberdade mesma de consciência [...]. Reciprocamente, porém, a possibilidade de construir um todo apresenta-se como estrutura primordial do ato de assumir uma posição. Basta pois, ser capaz de postular a realidade como um todo sintético para postular-se livre dela e esse ir-além é a liberdade mesmo, já que não poderia acontecer se a consciência não fosse livre". MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre**. São Paulo: Ensaio, 1991. p. 126.

Essa questão da Patrulha ideológica era ligada ao modelo da estética realista-socialista, porque as obras filosóficas produzidas na União Soviética tinham muita circulação e, portanto, muita influência no clima cultural brasileiro. Tinha a Editora Vitória que editava Marx, Engels, Lênin, tudo com edições preparadas na União Soviética, ou seja, naquela perspectiva ortodoxa. De outro lado, outros artistas, embora partilhassem de uma posição marxista no geral, eram mais atraídos por marxistas mais sutis, finos, como Lukács, Gramsci... Principalmente Lukács. Eu me lembro que antes de 64, eu me aproximava muito das posições estéticas do Lukács, que não eram tão grossas quanto as do realismo-socialista.⁶²

Os fundadores e colaboradores d’*O Pasquim*, como apontamos no início desta sessão diziam ter horror a ideologias, portanto, não se "filiavam" a nenhum segmento. Mas, os autores deste jornal, evocam como referências um conjunto de ideias e lemas oriundos de movimentos que brotaram nos Estados Unidos e na França. Os traços da contracultura norte-americana, do existencialismo de Sartre e das ocorrências do Maio de 1968 em Paris, são influências que marcaram *O Pasquim*. Além de rejeitar o discurso ideológico do grupo de jornais alternativos que se direcionam ao pensamento de Gramsci, este jornal apontava para uma ótica liberalizante, onde tecia críticas aos costumes.

A contracultura, também denominada cultura *underground*, cultura alternativa ou marginal, fora um movimento jovem, da década de 1960, ocorrido nos Estados Unidos que possuía como características a contestação social, a utilização de novos meios de comunicação alternativos, requisitava a inovação de estilos, tecia provocações às famílias conservadoras, possuíam um espírito libertário, que promulgava a transformação da consciência e dos valores conservadores, do comportamento, da política e das mudanças de atitudes.

O humor d’*O Pasquim* chamara tanta atenção da imprensa, dos intelectuais e da sociedade da época, que seus colaboradores passaram a ser caracterizados como da „esquerda festiva“, que de acordo com Ruy Castro era uma expressão para ofender os „pertencentes“ a esta esquerda. Eles, os colaboradores d’*O Pasquim* eram criticados tanto pela esquerda dita séria quanto pela direita, mas estes não se importavam e alguns como Sergio Cabral até achavam ótimo pertencer a esta dita esquerda festiva, porque para ele era uma esquerda que não se julgava triste, “ela mantinha acesa a chama revolucionária e, ao mesmo tempo, aplacava os ânimos mais exaltados que queriam partir para soluções armadas”.⁶³ Alguns setores da esquerda “séria” não concordavam com o tipo de oposição que muitos intelectuais, cartunistas, artistas, jornalistas manifestavam para criticar o governo autoritário, usavam o

⁶² HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 99.

⁶³ CASTRO, R. **Ela É Carioca – Uma Enciclopédia de Ipanema**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.p. 118.

termo a „esquerda festiva“ para desqualificar o trabalho destes intelectuais, viam os integrantes d’*O Pasquim* como festeiros, que gostavam das bebidas e das mulheres, e para eles o humor utilizado por estes membros desta esquerda era muito mais usado pelo lirismo do que pela denúncia.

Segundo Maciel,

Toda essa ideia do desbunde, da contracultura, isso tudo foi um movimento de raízes existenciais, quer dizer, as pessoas, chegaram num certo momento de suas vidas e disseram assim: "pô, não tenho saco para esperar que através de uma interpretação da história... que a história se desenvolva, através de seus fatores objetivos e subjetivos, até haver uma modificação: aí eu já vou estar morto" (...) Então não adianta nada ficar escrevendo artigos, fazendo comícios, conscientizando as massas, parte-se para o desbunde.⁶⁴

Ainda de acordo com Maciel, o pensamento oriental de Lao-Tsé, em que pregava a não ação, que para o oriental este não fazer nada significaria estar fazendo muito, e pode estar fazendo certo, errado, vantajosamente ou não, segundo ele,

Para Lao-Tsé, se você faz uma ação intencional, deliberada, programada você vai impor seu pensamento à realidade e pode perder a verdadeira visão do que está acontecendo. Esse conceito de não ação, que outros traduzem também por anti-ação, é um outro tipo de comportamento no qual você se sintoniza com os movimentos espontâneos da realidade. Você age de acordo com a própria dinâmica natural da realidade; parece que você não está fazendo nada e está fazendo muito.⁶⁵

É Partindo destes apontamentos sobre a contracultura, o existencialismo de Sartre, e esta vertente do orientalismo de Lao-Tsé, que analisaremos a contestação que Nani faz através das charges veiculadas no jornal *O Pasquim*.

Será que temos que ver, obrigatoriamente, as atitudes críticas como algo sempre partindo de uma "Patrulha Ideológica"⁶⁶? Não seriam as artes em si, neste caso as charges no jornal *O Pasquim*, mesmo se dizendo sem qualquer compromisso político, dotadas de uma função social mais profunda e eficaz do que uma posição política pré-definida?

⁶⁴ Entrevista concedida em 7 de julho de 1979. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 100.

⁶⁵ Entrevista concedida em 7 de julho de 1979. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 102.

⁶⁶ Para melhor entender este conceito ver: HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CAPÍTULO II - As charges de Nani n' *O Pasquim*: o traço que contesta

Precisamos do humor para não morrer de realidade.

Nani.

Ernani Diniz Lucas, comumente conhecido como Nani, nasceu no interior de Minas Gerais em Esmeraldas no ano de 1951. Aos 13 anos de idade Nani percebeu que podia fazer cartuns, inspirado por uma revista humorística chamada *Vamos Rir* que publicava cartuns estrangeiros, sentou-se e fez seu primeiro cartum apresentando o desenho de dois piratas com ganchos nos lugares das mãos em que um dizia para o outro: "Conheço essa região como a palma da minha mão". Desde então, passou a desenhar cerca de quarenta cartuns por dia. Ainda morando em Esmeraldas o contato que teve com cartuns de humor se dava pelas poucas revistas que chegavam até esta cidade e pelo jornal *O Cruzeiro*, que publicava Millôr, Henfil e Carlos Estevão. Aos 20 anos de idade Nani começa a publicar no jornal *O Diário* de Belo Horizonte em 1971, despertando a atenção do jornalista Alberico Souza Cruz que o convidou para ir ao Rio de Janeiro trabalhar no *O Jornal* juntamente com outros cartunistas mineiros. Em 1973, residindo na cidade do Rio de Janeiro, Nani conhece Henfil que o sugere a se aproximar de Jaguar, e então passa a colaborar com *O Pasquim* até o seu final. Marcou presença também no *Jornal dos Sports*, no *Última Hora*, *Diário de Notícias*, *Tribuna da Imprensa*, e juntamente com outros artistas criou *O Pingente* e a revista *O Nanista*.

Sobre sua experiência como chargista no jornal *O Pasquim* no auge da ditadura Nani nos diz que,

[...]. No *Pasquim* tínhamos que mandar o triplo de material para que, depois do feroz crivo dos censores, sobrasse material para o jornal ser feito. Não mandávamos originais porque eles vinham rabiscados com pilots – não havia respeito pela obra de ninguém. Se o Picasso mandasse um desenho que os censores não gostassem, eles rabiscariam também. Os tempos eram de terror, Ziraldo dava o nome de advogados para as esposas e namoradas dos cartunistas, para que, caso alguém sumisse, procurassem ajuda. O humor que fazíamos era humor de guerrilha. A censura era ridícula. Uma vez saiu uma notícia que dizia que no Pão de Açúcar havia urânio. Alguém escreveu uma dica dizendo que ia testar usando o contador geiger. Censuraram alegando que estavam chamando o Geisel de contador e ele era general. Alguém escreveu “uma próspera comuna mineira”. Os censores cortaram o comuna, achando que se referia ao comunismo.⁶⁷

No jornal *O Pasquim*, Nani começa a publicar suas charges já nas edições de 1973, geralmente estas se encontram nas páginas *Dicas*⁶⁸ do jornal, ou em páginas dedicadas apenas

⁶⁷ Entrevista concedida a L&PM Editores em 27/08/2008. Disponível em: <http://www.lpm-editores.com.br=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=849391>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

⁶⁸ Ver Anexo 1.

para os desenhos de humor⁶⁹, e ainda podem ser encontradas ao fim de alguma entrevista, junto aos anunciantes, enfim, não possuem um lugar fixo de publicação no jornal. No caso de Nani, notamos que aos poucos ele foi ganhando um espaço maior para a publicação de suas charges, já nas edições de 1974 observamos a publicação da *Imprensa Nanica*⁷⁰ em páginas inteiras, temos também um espaço dedicado, geralmente ao fim de alguma matéria, a sua publicação intitulada *Caderneta de Poupança Delfin*,⁷¹ onde satiriza o plano econômico pensando por Delfim Neto durante o governo Médici que propiciou o "Milagre Econômico" de 1969 bem como seu fim já em meados de 1973. Sobre a importância do desenho na imprensa, Nani acredita que,

O desenho foi importante no início da imprensa quando não havia fotos. As charges sempre fizeram parte de um jornal. No Brasil houve um tempo que ela era chamada charge editorial porque saía na página dos editoriais. Na época da ditadura, as charges diziam coisas que as matérias dos jornais não podiam dizer, daí os jornais que não tinham, passaram a ter. Quando acabou a censura alguns jornais dispensaram os chargistas. Tirando algumas exceções, a charge hoje é ilustrativa do fato do dia, poucas charges têm opinião. A charge de opinião sumiu dos jornais brasileiros, talvez já sendo um reflexo do politicamente correto. Sendo a charge uma manifestação crítica e símbolo da liberdade de imprensa, eu acho que é muito importante um jornal tê-la em suas páginas, porque mostra a independência desse jornal. A charge é a quarta leitura que o leitor faz do jornal. Primeiro a pessoa lê a manchete, depois lê a notícia, depois o comentário de um articulista ou o editorial e depois vê a charge, que é a quarta leitura e, às vezes, a mais verdadeira sobre o fato.

⁷²

Nani ao dizer que a charge seria talvez a leitura mais verdadeira sobre o fato não estaria se contradizendo ao dizer que a charge de opinião sumiu dos jornais brasileiros? Toda charge emite uma opinião, a opinião de quem a produziu, e ao ser consumido suscita opinião similar ou contrária à seu leitor. Em períodos de eleição, basta abrirmos qualquer jornal de grande circulação, ou mesmo assistir televisão, que veremos charges desenhadas e impressas ou eletrônicas e animadas, satirizando candidatos políticos ou mesmo seus partidos políticos. Estas não estariam com isto emitindo e suscitando certa opinião sobre o assunto? Não estariam interferindo, agindo, influenciado nas ideias de seus consumidores?

As charges de humor n^o *Pasquim* atuaram como agente político no período em que a liberdade individual e a liberdade de imprensa foram duramente suprimidas.

⁶⁹ Ver Anexo I.

⁷⁰ Ver Anexo III.

⁷¹ Ver Anexo IV.

⁷² Entrevista de Nani concedida a L&PM Editores em 27/08/2008. Disponível em: <http://www.lpm-editores.com.br=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=849391>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

De acordo com Minois⁷³ na atualidade o riso, o humor surge como uma alternativa de fuga, uma válvula de escape à acontecimentos como as guerras, os governos autoritários, a miséria. Surge como forma de contestação, de ironizar aquilo com o que se quer romper.

As charges de Nani, que abordaremos nesta pesquisa, datam das edições de 1973 a 1981. Este período foi escolhido por se tratar do início em que Nani começa a publicar sua arte no jornal em questão, abrangendo da abertura política até o ano de 1981, que se justifica pela qualidade do acervo⁷⁴ pesquisado.

As charges aqui apresentadas são fotografias dos exemplares contidos no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. A escolha das charges se deu por afinidades que desenvolvi com certos temas retratados por estas. Compreendendo o surgimento do “Milagre Econômico”, bem como sua crise, os períodos de repressão do governo Médici e o período da redemocratização, este limite temporal nos permite destacar um riquíssimo material para pensarmos este gênero iconográfico de humor, as charges de Nani no *O Pasquim*, publicadas durante as práticas ditatoriais no Brasil.

2.1 Charges e Cartuns e sua relação com o Humor

Embora possam parecer iguais diante de um primeiro olhar, em suas formas visuais e finalidades, existem diferenças conceituais entre cartum, caricatura e charges. O cartum se caracteriza pela crítica de costumes, geralmente apresenta fatos do cotidiano e seu conteúdo é atemporal, pois seus assuntos são geralmente focados em questões do comportamento humano e em situações comuns. Jaguar em uma entrevista concedida à Folha de São Paulo diz que o cartum atualmente é uma espécie em extinção, os artistas atuais publicam muito mais charges, quadrinhos e caricaturas. Perguntado sobre qual a diferença entre charge e cartum, este explica que o Cartum aborda um assunto, que daqui 20 anos ainda poderá ser compreendido pelo leitor,

Um exemplo clássico, uma piada qualquer sobre o "Ricardão dentro do armário". Todo mundo sabe do que eu estou falando. Piadas sobre vida conjugal, sexual, todo

⁷³ MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

⁷⁴ As edições do *O Pasquim* contidas no Acervo do CDHIS encontram-se em sua maioria em bom estado de conservação. Porém, não foi possível digitalizar as páginas do jornal devido à sua encadernação ser de capa grossa e não em espiral. Foram tiradas fotografias das páginas do jornal, com isto, algumas charges estão em péssima qualidade de imagem. Portanto, para nossa escolha, também foram levadas em conta a qualidade do material, o que é claro, fez-se passar por uma política de descarte.

mundo entende. Em qualquer época. Já piadas em cima de fatos políticos momentâneos vão ficando incompreensíveis.⁷⁵

Já as charges remetem a personagens e circunstâncias específicas de um determinado momento, ele exemplifica,

Hoje fiz uma charge sobre a visita do Bush. Desenhei o Lula chamando o Bush, que está indo embora do quadrinho. Só aparecem os pezinhos dele. Lula estica o dedo e chama: "Ei, ô companheiro, e a saideira?". Isso é uma charge. Uma piada que, daqui a cinco anos, ninguém vai entender, porque é em cima de uma circunstância.⁷⁶

Segundo Riani⁷⁷ o cartum é um tipo de desenho humorístico que faz a crítica dos valores sociais pela sátira, sem requerer semelhança com qualquer grande acontecimento ou personalidades públicas específicas. Já a Charge tem como papel principal apresentar, de forma crítica, uma personagem ou acontecimento político que esteja ou já esteve em evidência, devido a isto é que esta se dá como um recurso jornalístico com caráter crítico e temporal. Segundo Possenti, "as charges [...] são tipicamente relativas a "fatos do dia". Apenas eventualmente, e raramente, têm como pano de fundo acontecimentos menos instantâneos"⁷⁸.

Devido ao humor empregado nas charges, Romualdo⁷⁹ acredita que a charge jornalística, utilizada como ilustração, que pode-se enquadrar na modalidade jornalismo opinativo, apresenta-se como um sistema gráfico-pictórico e textual de leitura rápida. Porém, para se compreender o conteúdo de uma charge o leitor deverá recorrer a informações nos textos contidos no jornal, ou mesmo em materiais fora deste, porque a charge não é um texto isolado, para sua compreensão, como apontamos anteriormente, é necessário conhecer o contexto em que esta fora produzida e veiculada. Segundo este autor,

[...] a charge é um texto visual desenhado e, enquanto tal possui algumas características comuns a todos os desenhos. O seu caráter icônico, na sua totalidade, pode ser convertido a forma mais reduzidas, a elementos gráficos mínimos como o ponto, as linhas (verticais, horizontais, curva, sinuosas - regulares e irregulares -, quebradas e mistas) e as massas (superfícies escuras ou hachuras), que variam de intensidade e podem assumir as mais diversas formas.⁸⁰

⁷⁵Entrevista de Jaguar concedida a Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://casadonoca.blogspot.com.br/2007/03/jaguar.html>>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

⁷⁶Entrevista de Jaguar concedida a Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://casadonoca.blogspot.com.br/2007/03/jaguar.html>>. Acesso em: 20 de novembro de 2012.

⁷⁷RIANI, Camilo. **Linguagem & cartum... Ta rindo do que?** Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002.

⁷⁸POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 27.

⁷⁹ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá, PR: UEM, 2000.

⁸⁰ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá, PR: UEM, 2000. p. 22-23.

As charges n' *O Pasquim* apresentam uma aproximação com os fatos em seu contexto, estas, visam muito mais uma crítica satírica aos acontecimentos e situações vivenciadas pelo Brasil durante o regime militar ou mesmo na redemocratização, do que satirizar um personagem específico, ou seja, o jornal satiriza as estruturas, o sistema, o poder vigente, até mesmo porque estas charges são frutos desta conjuntura.

Diante de tudo que discutimos até o presente momento, podemos dizer que o desenho de humor ocupou ao longo destes anos um lugar de destaque nos veículos de informação, sobretudo nos jornais da época onde dividiam a página com os editoriais e os articulistas. Estes desenhos de humor gráfico, como as charges, apesar de serem considerados como uma sátira da realidade veiculam opiniões e representam uma forma alternativa de encarar os fatos e ou os acontecimentos da esfera social de determinada sociedade. Assim sendo, este elemento gráfico, que não deixa de ser uma manifestação artística, se transforma em discurso não verbal e acaba assumindo um valor opinativo. Deste modo, as charges atuam como fontes de informação e servem como fontes/documentos para os estudos históricos.

Partindo da ideia supracitada, podemos afirmar então que a produção gráfica do humor se dá através de uma linguagem intersemiótica, pois se trata de uma transmutação onde o chargistas interpreta os signos, na maioria das vezes textuais e ou visuais, e os transporta para outros signos, no caso aqui para o signo não verbal.

É sabido que os integrantes d' *O Pasquim* tinham como objetivo, pelo menos foi o que disseram anos depois, conseguir o riso que, obviamente seria obtido através do humor. Assim sendo, o riso se transforma em „arma“ nas mãos dos pasquinianos pois, de acordo com Bakhtin, o riso além de auxiliar o homem a se libertar de seus sentimentos reprimidos pelas forças históricas e culturais pode também ser usado como ferramenta para enfrentar inimigos poderosos. Assim sendo, o riso se transforma numa arma de libertação não apenas da censura exterior, mas também da censura interior, do medo do sagrado, da interdição autoritária do passado, do poder, medo ancorado no espírito humano há milhares de anos ⁸¹.

Na especificidade d' *O Pasquim* o humor, o riso, se dá através das metáforas visuais cujo objetivo não é só driblar a censura, mas também estimular os leitores rumo a um exercício reflexivo de sua própria situação no mundo, de sua própria participação neste mundo. Neste semanário o humor através das charges assume o caráter denunciata onde o seu objetivo é revelar à sociedade tudo aquilo que ocorre nela.

⁸¹ MIKHAIL, Bakhtin. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

Para nossa análise, que será realizada a seguir, recorreremos a algumas conceituações desta forma iconográfica de humor, portanto, salientamos que a discussão sobre as características das charges não se encontram encerradas aqui.

2.2. Análise de Charges do Nani n'O Pasquim.



A Charge é a quarta leitura que o leitor faz do jornal. Primeiro a pessoa lê a manchete, depois lê notícia, depois o comentário de uma articulista ou o editorial e depois vê a charge, que é a quarta leitura e, às vezes, a mais verdadeira sobre o fato.

Nani

Como pudemos ver nesta epígrafe, Nani credita às charges a reprodução, talvez, mais verdadeira sobre um determinado fato/acometimento. De acordo com Joly,

Se persistirmos no impedimento de interpretar uma obra sob o pretexto de não termos a certeza de que o que compreendemos corresponde às intenções do autor, melhor seria deixar imediatamente de ler ou de observar todas e qualquer imagem. Acerca do que o autor quis dizer, ninguém sabe nada; o próprio autor não domina toda a significação da mensagem que produziu. [...] Interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem pré-existente, mas em compreender que significações determinada mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca aqui e agora, sempre tentando destrinçar o que é pessoal do que é coletivo.⁸² [Grifo nosso]

Portanto, não tomaremos como objetivo, ao analisar as charges de Nani, compreender quais as reais intenções ou significações que a produção de determinada charge teve para o autor. A questão que se coloca nesta pesquisa, é pensar a criação, contextualização destas charges, estas sendo vistas enquanto forma de contestação ao momento vivido, neste caso, enquanto forma de contestação ao governo militar instaurado no país, e também à crítica de

⁸²JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 1996. p. 48.

costumes, que como salientamos anteriormente, seria uma das bandeiras deste veículo impresso.

Thompson, ao pensar os fenômenos culturais enquanto formas simbólicas apresenta-nos sua formulação denominada por concepção estrutural de cultura, "de acordo com essa concepção, os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas" ⁸³. Desta forma, pensando as formas simbólicas em suas relações com os contextos sociais em que estas são produzidas e recebidas, podemos avançar em nossa análise tendo em vista, a imprensa, *O Pasquim*, como um meio de comunicação de massa - ainda que nos atentemos para seu público restrito em relação à grande imprensa e aos aparelhos televisores - produtor e transmissor de formas simbólicas. Thompson apresenta-nos cinco características das formas simbólicas, sendo em seus aspectos *intencionais*, *convencionais*, *estruturais*, *referenciais* e *contextuais*. O primeiro, o aspecto *Intencional* seria as formas simbólicas enquanto expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos). Desta forma, ele entende que as formas simbólicas são produzidas, construídas e empregadas por um indivíduo, que ao produzir e empregar estas formas, estaria buscando certos objetivos e propósitos, numa tentativa de expressar aquilo que ele deseja dizer ou tenciona. O aspecto *Convencional* entende que a produção, construção ou emprego destas formas simbólicas, assim como a interpretação destas pelos indivíduos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos. O aspecto *Cultural* significa que as formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada. O aspecto *Referencial* significa que as formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa. Já o aspecto *Contextual* diz que as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais são produzidas, transmitidas e recebidas. ⁸⁴Destacando o aspecto referencial das formas simbólicas Thompson diz,

Desejo chamar atenção não apenas para as maneiras como as figuras ou expressões fazem referências ou representam algum objeto, indivíduo ou situação, mas também para as maneiras pelas quais, tendo feito referência ou representando algum objeto, as formas simbólicas tipicamente dizem algo sobre ele, isto é, afirmam ou declaram, projetam ou retratam. ⁸⁵

⁸³ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1955. p. 166.

⁸⁴ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1955. pp. 181-192.

⁸⁵ THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1955. p. 191.

Entendendo nosso objeto de estudo, as charges, enquanto formas simbólicas inseridas em contextos sociais nos permite vê-las enquanto expressões de um sujeito, situado em um contexto sócio-histórico específico. Estas formas simbólicas podem conter traços, de variadas maneiras, das condições sociais de sua produção, estas formas, enquanto produção de um sujeito, e para um sujeito (s), por vezes são recebidas e interpretadas por sujeitos que também estão inseridos em contextos sócio-históricos específicos, e o modo como estes indivíduos vão interpretar uma forma simbólica particular pode depender de recursos e capacidades que ele deverá se dotar no processo de compreendê-la.

Para a análise das charges tomaremos como embasamento teórico estes apontamentos de Nani, Joly e Thompson que apresentamos acima, além de contarmos com uma bagagem de leitura que nos permitirá ancorarmos em alguns estudiosos, que quando se fizer necessário serão abordados ante a análise das charges. Nossa análise se estruturará da seguinte forma: primeiramente, evidenciaremos qual a referência da Charge, como por exemplo, políticos, estudantes, pobres; posteriormente, buscaremos evidenciar os tipos de traços que Nani utiliza para desenhar os sujeitos das charges, desta forma, poderemos avançar nas análises sobre a representação dos sujeitos pobres que nos traços deste artista são bem definidos; Por fim, contextualizaremos a charge partindo de seus enunciados. Iremos dividir as charges em duplas formadas por assuntos afins. Este estudo contará com charges produzidas entre 1973 a 1981 retiradas da série intitulada *Imprensa Nanica* que circulava n° *O Pasquim*.

2.2.1 O traço da pobreza nas charges de Nani

Figura 1:



Figura 2:



⁸⁶ *O Pasquim*. Ano X - Nº 505 - Rio de Janeiro de 2 a 08/03/1979. p. 3.

⁸⁷ *O Pasquim*. Ano X - Nº 510 - Rio de Janeiro de 6 a 12/04/1979. p. 22.

Nestas charges de Nani retiradas da série intitulada *Imprensa Nanica* veiculada pelo jornal *O Pasquim*, este artista está abordando a questão da inflação.

Na figura número 1 temos a primeira personagem, caracterizada como de sexo feminino, com sapatos nos pés, usa um vestido e por cima um avental, na cabeça utiliza um lenço para cobrir os cabelos, o que nos remete a uma ideia de que esta personagem estaria preparando um alimento. A segunda personagem está caracterizada como de sexo masculino, seus pés estão descalços, se observamos bem, há uma mancha na cor preta no canto superior esquerdo da camisa deste indivíduo, o que poderia estar remetendo a uma mancha de suor, sujeira ou mesmo um remendo. Abaixo dos olhos desta personagem temos um sombreamento que caracteriza olheiras - traço recorrente nas charges de Nani quando apresenta um personagem que está passando fome ou para retratar a pobreza - sua boca tem traços que lembram rugas, ressecamento, os traços que compõe esta personagem são finos e sua forma não é voluptuosa. O cenário, embora não apresente muitos detalhes e ornamentos, não é um cenário que represente escassez, as charges deste artista em sua grande maioria apresenta este cenário "limpo", neutro. Para compor a cena temos este chão de madeira e uma mesa sobre a qual está apoiado o prato da personagem.

Pensando somente a cena, teríamos então, duas personagens, uma feminina e outro masculino. A primeira personagem olhando para a segunda com olhos assustados, enquanto o segundo indivíduo também com olhos espantados leva a mão com um alimento à boca. A forma como está caracterizada a vestimenta da segunda personagem nos permite interpretar que este indivíduo, magro, de olhos cansados e boca ressecada, pés descalços, pertence as classes econômicas de pouco valor aquisitivo. Portanto, esta charge, mesmo que se ignore o texto contido nela, tem uma detonação de pobreza.

Agora, partindo do enunciado desta charge, em que a primeira personagem diz, no que parece indignada, à segunda personagem: *Comendo com a mão? É falta de educação.* A segunda responde: *É para mim ter a impressão que tô comendo carne!*. Entenderíamos esta mensagem se não estivéssemos inseridos neste contexto? Talvez, certas interpretações seriam possíveis fazer sem nos atentarmos para o que levou esta personagem a "comer" a mão para iludir-se com o gosto de carne. Mas, esta charge fora criada e reproduzida dentro de um contexto próprio, com características próprias, e que portando, se retirarmos esta representação da sua "lógica" de criação e querer interpretá-la através das justificativas de hoje, perderemos grande parte da mensagem que esta charge objetiva passar. Como exemplo, podemos imaginar uma pessoa estrangeira ou mesmo brasileira vendo esta charge sem as devidas informações como, autor, data, onde foi veiculada, etc., a pessoa apenas veria a

charge. Esta pessoa iria interpretá-la de uma maneira, ela poderia até dizer que o indivíduo comeu a mão porque está com fome ou que este indivíduo comeu a mão porque não tem condições de comer carne, porém, isto seria uma leitura rasa desta imagem, ela com certeza perderia de vista as motivações que levaram a construção desta charge. Isto ainda remete a outro elemento importante, remete ao local de leitura desta imagem. Este indivíduo fictício só poderia ter tido esta leitura se ele partilhasse de alguns referenciais que o possibilitasse ter este tipo de leitura, no mínimo podemos aferir que este indivíduo presencia, de maneira direta ou indireta, os acontecimentos retratados nesta charge. Deste modo, podemos dizer que neste exercício analítico é preciso nos atentar para os diversos fatores, internos e externos, que envolvem a criação de uma charge.

Esta charge em questão data de março de 1979, ela está veiculada numa página do jornal *O Pasquim* intitulada *Imprensa Nanica*⁸⁸ que ocupa todo o espaço da página com charges e cartuns. Seu conteúdo remete-se ao Brasil deste mesmo período em que fora publicada. O desejo da personagem em sentir o gosto de carne nos é apresentado como uma ironia ao fato real de que com a inflação que afligia o país grande parte da população não tinha acesso a este alimento. A figura número 2 apresenta-nos esta mesma questão. Faremos uma análise de sua composição para então, contextualizarmos estas duas charges.

Na figura 2 temos uma charge com dois cenários e informações diferentes. No primeiro temos um quadro onde nos é apresentado um personagem caracterizado como do sexo masculino, traçado em forma voluptuosa, com nariz grande e largo, olhos redondos e bem acima do nariz, está vestido de forma simples, mas sua vestimenta não apresenta traços de sujeira. Compondo a cena, temos uma mesinha sustentando um aparelho de rádio. Sem o apoio do texto nesta charge dificilmente saberíamos do que se trata o assunto representado. O texto diz: *Rischibieter anuncia: medidas contra inflação*. Logo a personagem pensa: *Medidas Zero X Inflação 52*. Está ironicamente constatando que a inflação⁸⁹ está ganhando, em um

⁸⁸ Ver Anexo V.

⁸⁹ De maneira simplória podemos dizer que inflação é a queda do valor de mercado ou poder de compra do dinheiro. Porém, é popularmente usada para se referir ao aumento geral dos preços. Contudo, vale ressaltar que a área econômica nos adverte para o fato de que o valor de mercado se refere ao valor que um produto atinge no mercado baseando-se na concorrência de mercado e lei de oferta e procura. Costuma-se contrapor o valor de mercado ao valor real do produto, quando a procura por um determinado produto é alta o valor deste sobe, mas quando a procura diminui este mesmo produto pode ser vendido a um preço que não cobre o custo de sua produção. Entretanto, vale ressaltar que para se medir o poder de compra de determinada sociedade é necessário considerar outras variáveis como: a renda nominal e renda real. Por exemplo: se a renda nominal for constante, sem variações, e o houver o aumento dos preços dos produtos (inflação) o poder de compra naturalmente diminui. Mas, caso a renda nominal tenha variações (aumente), o aumento dos preços nem sempre implica na diminuição do poder de compra, pois pode acontecer que a renda nominal cresça mais do que a inflação. Se isto ocorrer fala-se que houve um aumento da renda real. Assim sendo, caso a renda nominal e a inflação aumente,

placar imaginário, de 52 a 0 das medidas para conter a inflação, porém, este numeral 52, também é 52%, o que podemos ver pelos pequenos pontos que temos após a numeração, o que poderia ser a taxa da inflação vivenciada no período representado por esta charge. No segundo quadro desta charge, temos dois personagens, uma feminina, caracterizada com sapatos nos pés, vestido no corpo e bolsa nas mãos. Esta personagem fora traçada em formas finas, possui olhos redondos e grandes bem acima do nariz, o traço que compôs sua boca nos remete à ideia de que ela está assustada com algo. O segundo personagem deste segundo quadro é caracterizado como masculino, desenhado em formas voluptuosas apresenta uma vestimenta simples, mas sem conotação de miséria, em sua mão está representada uma faca, e ao lado direito de sua cabeça está representado um pedaço de carne. Compondo a cena temos ainda um balcão, que pensando juntamente com o restante dos elementos constantes na cena poderemos interpretar como sendo a representação de um açougue. Nos textos temos a personagem feminina dizendo: *A carne subiu de novo?!*, e a segunda personagem responde: *É a Anti Inflação*. Esta *Anti Inflação* de que a segunda personagem diz, seria o controle dos valores dos produtos, como ele diz sorrindo, obviamente o valor deste produto, a carne, teve grande alta no mercado, a personagem subiu o preço da carne, que se atentarmos para esta representação na qual ela está sorrindo, seria tanto uma medida de precaução, quanto algo que viria lhe dar lucro.

Partindo destas análises primárias das figuras número 1 e número 2, vamos inseri-las em seu contexto de criação e reprodução.

Paul Singer nos aponta as seguintes características do chamado "Milagre Econômico":

[...] abertura da economia ao exterior. Mediante estímulos às exportações e ampla importação de capital, tanto sob forma de investimentos como de empréstimos; expansão do crédito ao consumidor; estímulo à poupança interna mediante a correção monetária das taxas de juros; política salarial e trabalhista capaz de proporcionar às empresas mão-de-obra barata, abundante e bem disciplinada.⁹⁰

Em 1973-1974 o projeto econômico brasileiro, que muito dependia da conjuntura econômica mundial favorável como vimos na citação acima, viu-se começando a tropeçar em alguns percalços, como por exemplo, a primeira crise mundial do petróleo ocorrida em 1973. Singer no capítulo intitulado "As contradições do milagre" escrito em 1973 já evidencia que o chamado "milagre" já estava no fim, para ele a inflação reprimida começava a dar seus primeiros avisos. Em 1972 setores como os dos pecuaristas, frigoríficos e açougueiros

mas a primeira aumente menos que a segunda consequentemente haverá uma queda na renda real o que afetará o poder de compra.

⁹⁰SINGER, Paul. **A Crise do "Milagre": interpretação crítica da economia brasileira**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 163.

limitaram a oferta de carne protestando assim contra os preços oficiais que estes julgavam insuficientes, injustos. Em 1973 começam a faltar aos consumidores produtos como o leite, a carne, o feijão, produtos considerados essenciais à dieta popular. Além dos problemas de abastecimento de alimentos, começam a se tornar escassos produtos como aços fundidos, metais não ferrosos, celulose para a produção de papéis, fertilizantes e defensivos agrícolas, escassez de cloro e soda, além da falta da força de trabalho, mesmo da pouco qualificada, para trabalhar na construção civil e na agricultura por exemplo. Neste mesmo ano o custo de vida em São Paulo subiu cerca de 27% contra 22% em 1972. Singer estimara - escrevendo em 1973 - que a dívida externa brasileira chegaria a US\$ 20 bilhões. Segundo Celso Furtado, a dívida externa do Brasil que em 1964 era de US\$ 3 bilhões, estava aproximada em US\$ 13 bilhões em 1973. Segundo Celso,

Os objetivos estratégicos, definidos no II Plano Nacional de Desenvolvimento, que deveria reger a ação do governo no período 1974-1979, podem sintetizar-se em dois pontos: a) ampliar a base do sistema industrial e b) aumentar o grau de inserção da economia no sistema de divisão internacional do trabalho.⁹¹

Em 1974, segundo Furtado, se apresentava uma situação onde havia uma rigidez da oferta interna e degradação dos termos de intercâmbio, "todo empenho no sentido de elevar a taxa de investimento, que não se fundasse num aumento do esforço de poupança, teria que engendrar forte pressão inflacionária"⁹². A fim de absorver parte desta pressão abriram-se as portas às importações, o que acarretou o aumento da dívida externa de US\$ 12,5 bilhões para US\$ 21,2 bilhões entre 1973 e 1975. Segundo Furtado,

A doutrina ingênua e malandra de que bastava aumentar o "bolo" para beneficiar a todos num futuro ao alcance da mão merece o repúdio geral. [...]. As críticas a este respeito [...]. Por uma lado se referem à evolução no tempo dos frutos do progresso material, pondo em evidência o caráter concentrador e excludente do estilo de desenvolvimento. Por outro assinalam o atraso, na satisfação das necessidades básicas da população, que se vai acumulando relativamente a outros países que realizam um esforço de desenvolvimento econômico similar. [...] **A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada em 1976 pela FIBGE, revelou que 44 por cento das famílias brasileiras se incluem no que se considera a faixa da pobreza, tendo acesso a uma renda total (monetária e não monetária) inferior a dois salários mínimos.**⁹³ [Grifo nosso]

Com o decréscimo constante do salário mínimo, pode-se concluir que pelo menos a metade da população brasileira fora excluída de qualquer benefício que poderia advir do considerável aumento da produtividade que ocorreu neste período.

⁹¹ FURTADO, Celso. **O Brasil Pós-"Milagre"**. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p. 46.

⁹² FURTADO, Celso. **O Brasil Pós-"Milagre"**. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p. 46.

⁹³ FURTADO, Celso. **O Brasil Pós-"Milagre"**. São Paulo: Paz e Terra, 1983. p. 59.

Segundo Paul Singer, uma das estratégias do governo para controlar a inflação seria o controle salarial,

[...] que **significa na prática que os salários continuarão sofrendo reajustamentos inferiores ao aumento do custo de vida.** Segundo os dados oferecidos pelo Ministro da Fazenda ao Senado, o custo de vida subiu 27,3% no Brasil nos últimos 12 meses. Embora esta estimativa seja inferior à do DIEESE de São Paulo, que alcança 35%, ela está acima da média dos reajustamentos salariais, os quais, obedecendo a diretrizes oficiais estão contidos ao redor de 20 por cento. ⁹⁴

O que significa dizer, em outras palavras, que os indivíduos assalariados de menores rendas estão perdendo o poder aquisitivo. O que, juntamente com a inflação acarretaria uma condição a este consumidor semelhante a retratada nas charges que analisamos acima.

Segundo Ivan Salomão,

O brando modelo de ajustamento externo implementado no período de 1979-80 se pretendia não-recessivo, combinando controles fiscal e monetário com ajustes de preços relativos, favorecendo a balança comercial e as contas fiscais. A malfadada tentativa de manipular as expectativas inflacionárias baseou-se na prefixação da desvalorização cambial em 40% e na correção monetária em 45% para o ano de 1980. A realidade das ruas, contudo, demonstrava que a inflação atingiria patamar muito mais elevado (110%, ao final do ano), o que inviabilizou a manutenção de uma política econômica não convencional. ⁹⁵

O Pasquim publicou uma matéria de Ricardo Bueno⁹⁶ em 1981 em que este acreditava na queda iminente de Delfim,

A situação de Delfim está muito delicada: os trabalhadores e a classe média não confiam nele. E agora grande parte da burguesia nacional também não. Dentro do próprio governo, incluindo os que habitam as salas reservadas do Palácio do Planalto, o prestígio de Delfim anda baixíssimo. Com uma inflação de 113% e um déficit na balança comercial de US\$ 3 bilhões não poderia ser de outra forma. Afinal, o ministro prometera inflação de 50 % e balança comercial equilibrada em 80. ⁹⁷

Feito este panorama sobre as condições econômicas em que o Brasil se encontrava, partiremos agora para a análise de outros elementos importantes para a compreensão deste estudo.

Primeiramente, precisamos nos dar conta de qual seria o público leitor deste jornal. De acordo com uma pesquisa encomendada pela Shell, publicada na edição 11 d' *O Pasquim* ⁹⁸, o público leitor deste era formado predominantemente por jovens, sendo 70% destes leitores

⁹⁴ SINGER, Paul. **A Crise do “Milagre”: interpretação crítica da economia brasileira.** 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 160.

⁹⁵ SALOMÃO, Ivan Colangelo. **Arroubos Econômicos, Legitimação Política: Uma Análise da Moratória da Dívida Externa de 1987.** Dissertação (Mestrado). UFRGS, 2010. p. 42-43.

⁹⁶ Ver Anexo VI.

⁹⁷ **O Pasquim.** Ano XII - Nº 601 - Rio de Janeiro de 2 a 08/01/1981. p. 31.

⁹⁸ Ver: SANTOS, Brígida da Cruz. **Quem ri por último não entendeu a piada: as dicas de O Pasquim (1969-1974).** Dissertação (Mestrado). UNESP, 2002.

com idade entre 18 e 30 anos, 23% tinham entre 31 e 44 anos e 7% tinham mais que 45 anos, em sua grande maioria sendo indivíduos pertencentes à classe média⁹⁹ que tinham acesso a uma boa educação formal, além destes, grande parte da intelectualidade brasileira consumia este jornal. Esta pesquisa nos faz pensar que, os indivíduos retratados nestas charges, os menos providos de poder aquisitivo, os pobres e esfomeados, não estão ali desenhados para suscitar uma identificação de classe, uma vez que, certamente os artistas que produziam as charges, os cartuns e as caricaturas sabiam bem para qual público este conteúdo estava destinado. Havia, por exemplo, neste jornal uma seção chamada *Cartas*¹⁰⁰ onde era possível o público leitor se comunicar com os redatores d' *O Pasquim*, estes faziam críticas, pediam conteúdos, e também eram criticados.

Sabemos do papel das ilustrações, neste caso as charges, para o jornal *O Pasquim*, como nos lembra Cruz,

As ilustrações estavam longe de serem complemento visual para o texto. Cada uma delas trazia a marcado estilo do humorista, o desenho era um comentário do texto. A ideia era fazer um tablóide muito ilustrado, de leitura fácil, visualmente atraente, prática não usual em outros veículos da época.¹⁰¹

Nos fora possível perceber até aqui que, primeiramente, as figuras 1 e 2, charges datadas de 1979, produzidas por Nani, estão representando as classes populares no Brasil diante do problema da inflação que chegara a gravitar entre 110% e 113% ao fim do ano. Devemos lembrar também que, como nos disse Singer, o custo de vida no Brasil subiu 27,3 % em 12 meses, enquanto o salário permaneceu contido em torno de 20%. De acordo com Furtado, em pesquisa realizada em 1976, 44% das famílias brasileiras se incluem no que se considera como faixa da pobreza, tendo acesso a uma renda total inferior a dois salários mínimos. Juntando estes fatores, conseguimos nos situar no contexto que a charge está retratando. Agora, após analisarmos o público leitor do jornal, que como vimos em sua ampla maioria era formado por jovens de classe média e intelectuais, qual seria então a função, se é que seu autor lhe dedica uma função, destas charges? O que ela pretendia ao retratar estes indivíduos, que dificilmente teriam contato com esta reprodução? Seriam estas apenas formas de crítica à sociedade, ao regime e seus costumes? Com qual objetivo?

Analisaremos mais duas charges deste artista onde se busca retratar indivíduos em situação de pobreza e fome, para posteriormente pensarmos estas questões.

⁹⁹ O jornal *O Pasquim* teve uma variação de preço que vai de Cr\$ 0,50, na década de 70, até custar Cr\$ 80,00 na década de 1980.

¹⁰⁰ Ver Anexo VII.

¹⁰¹ SANTOS, Brígida da Cruz. **Quem ri por último não entendeu a piada: as dicas de O Pasquim (1969-1974)**. Dissertação (Mestrado). UNESP, 2002. p. 45.

Figura 3:



Figura 4:



Nestas charges ressaltaremos a questão da pobreza que o chargista representa através de traços finos, um jogo de sombreamentos, e formas básicas que caracterizam as obras de Nani.¹⁰⁴

Na figura número 3 temos a junção de duas charges e não dois quadros complementares como havia na figura 2.

Na primeira charge temos um sujeito representando o sexo masculino, sua vestimenta nos é apresentada com bastante sombreamento, principalmente na calça. O sujeito está descalço, veste uma calça rasgada nas pernas, e bastante suja, está com uma camisa também rasgada nas mangas e suja. Este indivíduo está representando por formas não volumosas, aparentando ser magro. Seus olhos novamente, como na figura número 1, apresentam sombreamentos rentes à parte de baixo que nos faz pensar em olhos cansados, seus cabelos aparentam sujos e ralos. O cenário, mais uma vez, não apresenta muitos detalhes, temos um fundo branco, um pequeno sombreamento abaixo dos pés do sujeito e o que seria uma folha, um cartaz meio rasgado, com os seguintes dizeres: *Provar que é pobre, só com Cr\$ 20 de taxa - O Sr. Raimundo Nonato de Oliveira, da favela da Rocinha, precisava de um atestado de pobreza mas a Delegacia só fornece se for paga uma taxa de Cr\$ 20,00. Logo a personagem diz: Não tenho vinte cruzeiros pra pagar um atestado de pobreza. Logo, sou rico.* Claramente, esta charge está tratando ironicamente, além da questão da pobreza, as burocracias impostas pelo governo onde um sujeito pobre ainda precisa pagar Cr\$ 20,00 - dinheiro que não tem para se alimentar - para atestar sua pobreza.

¹⁰² O Pasquim. Ano VI - Nº 271 - Rio de Janeiro de 10 a 16/10/1974. p. 26.

¹⁰³ O Pasquim. Ano IX - Nº 449 - Rio de Janeiro de 16/02/78. p. 32.

¹⁰⁴ Nani atualmente possui um site onde publica, periodicamente, suas charges virtuais. Seus traços continuam característicos, as formas como desenha o nariz e os olhos, embora tenha se completado com mais detalhes e o uso de traços coloridos, permanecem os mesmo. Para acessá-lo: <<http://www.nanihumor.com/>>.

Na segunda charge da figura 3 temos um cenário com dois indivíduos. O primeiro está dentro de um estabelecimento, aparecendo apenas sua cabeça e parte do tronco. Esta personagem está caracterizada com um sorriso largo, óculos nos olhos, ausente de traços de tristeza, cansaço ou que denotassem certa pobreza. A segunda personagem, pelo contrário, nos é apresentada com traços e forma fina, não de elegância, mas de magreza, está sem camisa, com uma calça já bem gasta e suja. Seus olhos, como característica de Nani ao retratar sujeitos empobrecidos, apresentam sombreamentos fortes na parte de baixo deixando-os com aspecto de cansaço, sua boca é apresentada com boa quantidade de traços verticais, dando um sentido de este ter rugas, ressecamento e certa magreza no rosto. Temos ainda o desenho de sua barriga que apresenta uma forma volumosa, que poderia estar retratando a situação de certos indivíduos que possuem uma péssima alimentação. O cenário mais uma vez é 'limpo', temos o sombreamento no chão, e esta representação do que seria uma janela, de onde podemos ver a primeira personagem. Ele diz ao outro indivíduo que apenas o olha cansado: *Se você pagar 500 cruzeiros te dou um atestado de paupérrimo!* Mais uma vez, temos aqui a ironia ao termos um sujeito claramente moribundo sendo compelido a comprar um atestado de paupérrimo, o que podemos interpretar também como a "vista grossa" feita pelos setores do governo quanto aos pobres.

Na figura 4 temos a informação de haver um "bloco" de 100 milhões de *sujos* no Brasil. Nesta charge temos um protagonista caracterizado como masculino que nos é apresentado de uma forma não comum em relação aos sujeitos habitualmente retratados por Nani. Este sujeito está vestido com sapatilhas, que Nani não economizou traços para estilizada, bermuda e blusa florida, traço não recorrente na arte deste chargista visto que dificilmente ele preenche as vestimentas de seus personagens. Este indivíduo possui uma câmera fotográfica atrelada ao pescoço e óculos escuros tampando os olhos, até mesmo seu cabelo ganhou uma nova estilização parecendo estar penteado para cima com utilização de produtos capilares. Este sujeito, por esta caracterização, seria um típico norte-americano. Do outro lado, temos um grupo de cinco indivíduos, sendo dois destes no plano central, e o restante no segundo plano. O primeiro indivíduo caracteriza-se como do sexo masculino, veste calças rasgadas e têm os pés descalços, sua blusa tem um pequeno sombreamento ao lado direito que denota sujeira. Seu corpo é desenhado com formas finas, denotando magreza. Novamente temos nos olhos os sombreamentos na parte de baixo, apresentando-nos como cansados, a boca murcha e a feição de esfomeado. A segunda personagem que aparece caracteriza-se como do sexo feminino, veste um vestido que contém sombreamentos também do lado direito, e um lenço na cabeça. Esta personagem também possui a mesma forma fina e

olhos grandes e sombreados na parte inferior. Temos ainda outro indivíduo, masculino, infantil que veste short e camisa, está caracterizado com a mesma ausência de volúpias. Atrás deste sujeito temos o desenho de dois outros indivíduos masculinos, dos quais só podemos ver o rosto. Acredito que a primeira personagem seja a central pelo tamanho e forma como fora caracterizada, ela diz: *Bloco dos sujos?! Que interessante... Quantos vocês são?* Logo o outro personagem responde: *Cem milhões*. A charge em questão fora retirada de uma página do jornal, voltada para o Nani, com título de Carnaval, onde temos outras charges abordando o mesmo assunto. Temos turistas vindo visitar o Brasil e diversas pessoas pelas ruas fantasiadas. Esta charge chama atenção pelo fato de os indivíduos ali representados não estarem fantasiados, não estão com vestimentas carnavalescas, porém o sujeito estrangeiro olha para eles e pensa que aquelas vestimentas são caracterizações para o carnaval. Não são, e os indivíduos falam seriamente que são cem milhões vivendo a mesma situação de pobreza. Em outras palavras, é o mesmo que dizer que o povo brasileiro está fantasiado de pobre, miserável.

Estas charges datam de 1975, quando o Brasil vivenciaria os primeiros anos após a crise do "Milagre Econômico". De acordo com dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre a pobreza no Brasil,

Há no Brasil 53 milhões de pobres - cerca de 34% da população -, que vivem com uma renda insuficiente para atender às suas necessidades básicas de alimentação, vestuário, habitação e transporte. Nessa massa de pobres há um subconjunto de 22 milhões de indigentes - cerca de 14% da população -, que não têm sequer como comprar os alimentos que lhes garantam o consumo mínimo calórico vital.¹⁰⁵

Este tema também aparece na charge abaixo:

Figura 5:



¹⁰⁵ FURTADO, Celso. **Em Busca de Novo Modelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 11.

¹⁰⁶ **O Pasquim**. Ano VII - Nº 325 - Rio de Janeiro de 19 a 25/09/1975. p. 19.

Esta charge nos apresenta uma mulher caracterizada em formas voluptuosas, calçada com sapatos de salto alto preto e usando um vestido, óculos de grau e cabelos soltos. A outra personagem é uma criança apresentada com formas não volumosas que veste short e blusas que apresentam aspecto de sujeira. Esta personagem tem o mesmo aspecto cansado nos olhos e ela não possui nenhum cabelo. A primeira personagem diz: *Que você quer ser quando crescer?* O outro responde: *Bem Alimentado!*

De acordo com Furtado, "existe evidência de que 21 por cento da população brasileira de menos de 17 anos incluem-se nos chamados segundo e terceiro graus de desnutrição, que se manifesta em um peso inferior a 75 por cento da normal".¹⁰⁷

Estes fatores aliados a todos os apontamentos que fizemos nas análises das figuras 1 e 2 evidenciaram a situação das camadas populares no Brasil no período posterior ao "Milagre Econômico". Não fora objetivo principal do governo a questão da distribuição de renda, pois, como dizia o próprio Delfim Neto, era necessário "primeiro fazer crescer o bolo, para depois dividi-lo". O bolo cresceu, o país vivenciou o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB)¹⁰⁸ superior à marca dos 9 por cento ao ano, registrou números vantajosos em diversos setores da economia, enquanto isso, a maior parte da população vivenciava apenas o "arrocho salarial"¹⁰⁹, convivendo com uma inflação que fazia seu pequeno salário parecer menor ainda, tanto que Nani produziu uma charge em que dizia: *Salário Mínimo, Eis o verdadeiro Menor Abandonado!*.

As charges aqui apresentadas tanto tecem críticas ao regime, especificamente, às questões sociais deixadas de lado pelos poderosos, quanto também aos costumes desta sociedade. Temos nestas charges a interlocução entre sujeitos retratados com traços claros de pobreza, com sujeitos pertencentes à classe média. Vimos, também, uma crítica à vista grossa tida pelo governo, a burocracia e pela sociedade da classe média e burguesa, quanto aos famintos aqui representados. Diante de todos os apontamentos que fizemos ao longo desta pesquisa encerramos esta análise enaltecendo o trabalho do Nani. Este artista, talvez tenha sido n' *O Pasquim*, aquele que mais produziu charges retratando a fome, a miséria, a pobreza no Brasil. Com seus traços claros e objetivos construiu imagens que contestaram, que incitaram, e produziram sentidos e significações específicas ao seu leitor. Mas uma vez ressaltamos que as charges se diferenciam dos cartuns por seu caráter temporal, que necessita

¹⁰⁷ FURTADO, Celso. **Em Busca de Novo Modelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 60.

¹⁰⁸ É a medida de toda a riqueza (valores monetários de todos os bens e serviços) gerada em um determinado território por um determinado período de tempo.

¹⁰⁹ Ver: SINGER, Paul. **A Crise do "Milagre": interpretação crítica da economia brasileira**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

de uma contextualização para que se possa fazer entender, portanto, são como, pegando emprestados os conceitos de Thompson, formas simbólicas estruturadas contextualmente, dotadas de sentidos e objetivos específicos, nem que para este caso, o objetivo seja o de "apenas" contestar. Nossa tentativa de contextualizá-las se deu baseando nos apontamentos da autora Joly, que apresentamos ao longo deste estudo, que nos permite interpretar estas charges pelo nosso próprio ponto-de-vista - não abrindo mão de entendê-las no seu período de criação e divulgação - não enveredando pelo árduo caminho de tentar adivinhar quais seriam as reais motivações de seu autor ao criá-las e reproduzi-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos refletir acerca da publicação de charges do artista Ernani Diniz Lucas, comumente conhecido como Nani, veiculadas no jornal alternativo *O Pasquim*, datadas de 1973 a 1981, compreendendo o período do "Milagre Econômico" no governo Médici, bem como a fase mais ferrenha dos governos militares no Brasil, após a promulgação do Ato Institucional Número 5. Buscamos evidenciar, o contexto histórico-social no qual estas charges foram produzidas e veiculadas, bem como o caráter do jornal que as publicavam. Apresentamos ao longo deste estudo um conjunto de teorias e metodologias que nos auxiliaram a pensar estas charges enquanto formas iconográficas de humor.

Além dos conceitos que adotamos de Thompson para pensar as charges, ressaltamos aqui a concepção de Maggioni que diz,

[...] a charge constitui uma narrativa que congrega várias linguagens em sua estrutura, de modo que tem ela a oportunidade de apresentar nesta imposição unitária, vários enfoques temáticos, muitas vezes extraídos do jornal que lhe serve de plataforma, sob perspectivas diferentes das quais são apresentadas. No texto verbal, o fato é tratado já com valores do jornalista e da empresa jornalística, ao ser reconstruído para a exposição midiática. Na charge, os valores de seus enunciatários, já previstos e construídos dentro dela, além de acentuados são embaralhados com valores contidos nos discursos produzidos a partir do fato. Esta potencialização de sentidos configura sua natureza enunciativa de ataque. O chargista usa da arte para reconstruir o fato a sua maneira, apropriando-se dele e, quem sabe, o elaborando da maneira que o leitor gostaria de ver, colocando-o nele também. A charge, em seu estágio de oferta ao leitor, é um discurso constituído. Este discurso necessita de sujeitos para existir e é elaborado tanto pelo seu produtor quanto pelo seu consumidor, pois coloca-se entre eles como objeto de relação.¹¹⁰

As charges políticas, por si só já contém um discurso lúdico, estas se destacam como um espaço discursivo ímpar no contexto jornalístico, de modo que a linguagem verbal e não verbal tramitam entre si produzindo efeitos de sentido, de humor que acabam por exercer uma função de sátira social e política. As charges sustentam significações polissêmicas na medida em que estabelecem relações entre o dito e o não dito, o silêncio, o equivoco e, de certa forma, permitem através destes elementos reinventar sua posição instituindo outros significados não previstos na rede de sentidos. É possível dizer que a charge política é também um discurso “silencioso”, uma vez que esta se constitui em grande parte pela escassez de palavras, de textos, e mesmo havendo palavras estas além de poucas não dizem tudo, há uma predominância da linguagem não verbal. O “silêncio” na charge política abre a

¹¹⁰ MAGGIONI, Fabiano. **A charge jornalística: Estratégias de imagem em enunciações de humor icônico.** Dissertação (mestrado). UFSM, 2011. p. 23.

possibilidade da percepção de outros sentidos além dos já instituídos pelo discurso político. O cartunista Claudius no documentário *O Pasquim – a Subversão do Humor* diz que,

Na crítica eu acho que o que havia era uma cumplicidade que nós tínhamos com os leitores absolutamente extraordinária, a gente sabia muito bem que a gente podia ser hermético, o censor não ia perceber isso. Mas ali adiante neh?! Certamente o leitor ia estar, ia saber o que a gente estava dizendo. Era uma espécie de um código secreto que a gente utilizava com o leitor.¹¹¹

A equipe d'*O Pasquim* criara um conjunto de costumes, de ideias, de ações que além de revolucionar a imprensa brasileira com sua forma de linguagem coloquial, matérias sem seguir uma pauta e um humor irreverente, moldou, influenciou de certa forma toda uma geração. O grupo dos *pasquineanos*, como alguns autores dizem, partilham desta forma plural de ver o mundo que *O Pasquim* introduziu primeiramente em Ipanema, no Rio de Janeiro, ganhando o país após conquistar São Paulo. A relação entre o autor das matérias, das charges com os leitores já possuía um conjunto de ideias, ou cumplicidade como nos diz Claudius, que se fazia entender os códigos e símbolos, enfim, as entrelinhas existentes nas matérias e nas imagens do jornal, que aos censores deveriam permanecer ocultas.

Apresentamos ao longo deste estudo as influências da contracultura norte-americana, do existencialismo de Sartre, e de vertentes orientalistas de Lao-Tsé, que nos permite entender um pouco esse espírito, “descompromissado” (com ideologias pré-definidas), contestador e festivo desta *patota*. Segundo Sartre, "Agir é modificar a figura do mundo, é dispor dos meios visando um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado tal que ele produza um resultado previsto."¹¹² Esta ação para Sartre é em princípio intencional, o que não quer dizer que se deva prever todas as conseqüências do seu ato. Quando um indivíduo percebe que existem outras possibilidades, um outro estado de coisas, uma vida melhor, a sua real condição torna-se insuportável. Então, se este indivíduo puder superar este seu "sofrimento natural", e ter a possibilidade de escolher, ele poderá, se for o caso, mudar este estado natural. Para este filósofo, toda ação contém como condição fundamental e indispensável, a liberdade do sujeito que age. Esta liberdade porém, deverá ser aliada com a responsabilidade. O homem não pode tornar-se um sujeito ativo, ser plenamente, sem que se una a outros homens. Nesta união, o grupo se forma quando há um conjunto de indivíduos unidos numa práxis¹¹³ comum., e gozam de uma liberdade comum ao grupo. Para Millôr Fernandes, o existencialismo seria como: "Livre pensar é só pensar", ele concebe a liberdade de pensar e de criar como um

¹¹¹ *O Pasquim – a Subversão do Humor*, direção de Roberto Stefanelli, 2004, Brasil, 44min.

¹¹² SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução Paulo Perdigão. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 487.

¹¹³ Práxis em um sentido restrito seria, um projeto, uma ideia. Já no sentido lato, ela é tudo o que tende em direção do comportamento, da conduta.

estado natural e absoluto, e não como imperativo político. Millôr porém, utiliza esta concepção de Sartre como uma fuga dos conflitos do mundo real, que para ele são perturbações da vida e não parte dela. Ele diz,

Não tenho procurado outra coisa na vida senão ser livre. Livre das pressões terríveis da vida econômica, das pressões terríveis dos conflitos humanos, livre para o exercício total da vida física e mental. Livre das ideias feitas e mastigadas, tenho como Shaw, uma insuportável desconfiança de qualquer ideia que já venha sendo proclamada por mais de dez anos.¹¹⁴

Para Luis Carlos Maciel, a pedra angular do existencialismo Sartreano era a liberdade total da existência humana, visto que Sartre defendia que a existência precede a essência, negando-se o valor de toda ideia ou norma preconcebida¹¹⁵. Maciel diz que, "Somos livres para fazer qualquer coisa, mas nossos atos criam um conteúdo *a posteriori*, o que estabelece a exigência ética. Se somos radicalmente livres, isso significa apenas que somos totalmente responsáveis por tudo o que fizermos, inclusive as obras de arte."¹¹⁶

Portanto, Sartre ao "livrar" o homem da existência divina, faz o homem a enfrentar as coisas como elas são, assumindo assim as respectivas responsabilidades de seus atos, somos nós que damos sentido à nossa vida.

Nas falas de Millôr e Maciel pudemos ver esta recusa que eles fazem as ideologias, ou ideias pré-definidas, como diz Millôr ideias que vinham sendo proclamadas a mais de 10 anos, é nítida a influência do existencialismo sartreano nestes dois jornalistas, e também em toda a redação do *Pasquim*. Para eles a ação puramente dita, tendo em vista a responsabilidade sobre esta, vale mais que qualquer posição política pré definida, estabelecida.

Evidenciamos ao longo desta pesquisa que seus fundadores e colaboradores não tinham compromisso com ideologias, e que, portanto, não tinha compromisso com a esquerda tradicional do Brasil, por isto, muitas vezes foram chamados de membros da *esquerda festiva*.

Talvez, aos olhos de alguns membros da esquerda tradicional, o jornal não tenha feito nada para interferir diretamente na sociedade, ou que optou pela via do riso como ferramenta crítica em detrimento do "papo sério", em tempos de efervescência de discursos ideológicos, toda arte que utiliza o riso, o humor, como forma de contestação, é visto como algo menor.

¹¹⁴ Prefácio em : FERNANDES, Millôr e RANGEL, Flávio. **Liberdade, Liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

¹¹⁵ KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

¹¹⁶ MACIEL, Luiz Carlos. **Anos 60**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

Embora Millôr tenha declarado que sua arte, assim como *O Pasquim*, não tinha nada a ver com os problemas da sociedade brasileira, da pobreza, das mulheres feministas e por aí vai, talvez, tenha cumprido os desígnios da teoria de Lao-Tsé, (pelo menos a parte que eles se apropriaram desta teoria) que prega que às vezes não fazer nada é fazer muito. Mas, o que seria para os membros do *Pasquim* este não fazer nada? Seria apenas, a nosso ver, fazer sua arte sem compromisso com ideologias pré-estabelecidas, não fazia parte dos objetivos deste jornal, instruir uma classe, fazê-la ter consciência de si enquanto classe, ser tutor do povo, ou ideais outros caros a esquerda tradicional brasileira.

Como foi abordado ao longo desta pesquisa, os redatores deste jornal, não estavam interessados em ficar fazendo artigos, fazendo comícios, conscientizando as massas, ou em esperar a história seguir seu curso, eles partiram logo para o desbunde¹¹⁷, apresentado-nos o melhor de seu humor como um meio eficaz de criticar o que estava posto na sociedade de seu tempo. Pensando bem, pode ter sido por este caráter “descompromissado” que este impresso assumiu, que fez com que talvez ele tenha conseguido fazer tudo o que fez.

Negar a influência de *O Pasquim* à imprensa brasileira e ao humor, seria como negar a sua existência. Este jornal foi um espaço, cultural plural, e de certa forma libertador, para aqueles intelectuais que, "pressionados" com as exigências e condições do mundo pós 1968, precisavam se expressar. Libertador sim, quando pensamos na quantidade de assuntos que abordava, e na pluralidade de pensamentos que seus colaboradores publicavam neste impresso, por outro lado, mantinha certos conservadorismos, e preconceitos, principalmente em relação ao movimento das feministas e aos homossexuais, que geralmente eram criticados nas páginas deste jornal, principalmente em produção do Millôr.

Diante de tudo o que foi posto neste estudo, pensamos que por mais que os redatores deste jornal se diziam descompromissados, nem aí para os problemas da sociedade, eles tomaram si partido, posição política, ao publicar tantas charges, ilustrações ou mesmo notícias e reportagens, que denunciavam a precária condição de vida da maior parte da população brasileira. Ao expor, criticar, costumes da classe média brasileira e as arbitrariedades do governo militar, eles se aliavam politicamente a todos os outros membros da sociedade brasileira que também eram contrários a estas práticas. Não pregavam ideologias claras, é bem verdade, mas eram contrários a ideologia que estava sendo mantida pelo governo ditatorial. Utilizaram deste espaço alternativo, que por não se aliar as lógicas do mercado, se contrapor a imprensa oficial, ser um veículo que aceitava a publicação das mais variadas

¹¹⁷ Desbunde significa diverti-se num sentido geral.

ideias e assuntos, para mostrar a esta sociedade os acontecimentos ocorridos no seio desta.

Não estavam não fazendo nada, não estavam sendo coniventes com os atos da ditadura, nem tampouco se mostravam indiferentes. Por mais que agora, na década de 2000, estes autores venham nos falar que não estavam nem aí por que não estes problemas não os afetavam, o simples fato deste jornal ter sido criado em 1969, logo após a promulgação do Ato Institucional Número 5, que aplicou uma dura censura a este jornal, tendo inclusive vários membros deste jornal permanecido em cárcere privado por quase dois meses, nos faz pensar que este discurso se dá somente agora, passados 40 anos da existência deste jornal. Certamente, naquele período, estes jornalistas e humoristas, estavam empenhados em mudar a condição real das coisas como estavam postas, tanto o é, que por se dizerem enraizados no existencialismo Sartreano isto deveria ser uma máxima, já que este prega a ação do homem, a liberdade, como forma para modificar as coisas que já estão postas, e esta liberdade, lembrando que sempre está aliada a responsabilidade por seus atos, sem engajamento não seria nada.

Nani, como bom mineiro que é, chegou de mancinho no *Pasquim*, aos poucos foi conquistando seu espaço e passou a publicar em páginas inteiras do semanário contribuído com cinco, seis charges ou mais, em cada edição. Embora não tenhamos encontrado nenhum outro estudo acadêmico que tivesse como foco as charges deste artista neste jornal sabemos de sua importância para o semanário, tanto que permaneceu juntamente com o *Jaguar* até seu fim no ano de 1991. Produziu inúmeras charges e cartuns para o jornal neste período, com humor aguçado e críticas ferozes, sempre pensando o social, e as reais condições de vida da maior parte da população brasileira durante o regime militar.

Portanto, entendemos o *Pasquim*, como um espaço rico e plural, da imprensa alternativa, que possibilitou aos seus redatores e colaboradores manifestarem-se das mais variadas formas, seus anseios, suas revoltas, exporem tudo aquilo com o qual não estavam contentes. As charges, a nosso ver, foram um dos meios mais eficazes de passar esta mensagem de contestação, de publicar as arbitrariedades do governo militar, de informar a sociedade sobre aquilo que estava ocorrendo, o que a grande imprensa se abstinha de fazer.

LISTA DE FONTES:

O Pasquim. Ano VI - Nº 271 - Rio de Janeiro de 10 a 16/10/1974.
O Pasquim. Ano VII - Nº 325 - Rio de Janeiro de 19 a 25/09/1975.
O Pasquim. Ano VII - Nº 361 - Rio de Janeiro de 28/5 a 03/6/1976.
O Pasquim. Ano IX - Nº 449 - Rio de Janeiro 16/2/1978.
O Pasquim. Ano X - Nº 505 - Rio de Janeiro de 02 a 08/03/1979.
O Pasquim. Ano X - Nº 510 - Rio de Janeiro de 06 a 12/04/1979.
O Pasquim. Ano XI - Nº 529 - Rio de Janeiro de 17 a 23/08/1979.
O Pasquim. Ano XI - Nº 560 - Rio de Janeiro 21 a 27/03/1980.
O Pasquim. Ano XII - Nº 601 - Rio de Janeiro de 02 a 08/01/1981.
O Pasquim. Ano XIII - Nº 630 - Rio de Janeiro de 23 a 29/7/1981.

FONTES COMPLEMENTARES:

JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (Org.). **Antologia do Pasquim**. Volume 1. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

_____. **Antologia do O Pasquim. Volume 2**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

_____. **Antologia do O Pasquim. Volume 3**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

_____. **Pasquim 40 anos: edição comemorativa**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

O Pasquim – a Subversão do Humor, direção de Roberto Stefanelli, 2004, Brasil, 44min.

O Pasquim - a Revolução pelo Cartum, direção de Louis Chilson, 1999, Brasil, 48 min.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, P; TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; NAVES, Santuza Cambraia (Orgs.). **"Por que não?": rupturas e continuidades da contracultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964 - 1984)**. 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 1987.

AQUINO, M. A. **Censura, Imprensa, Estado autoritário (1968-1978)**. Bauru: EDUSC, 1999.

ARAGÃO, Octavio. Charges e política – O riso moldando um país. In: **História, Imagem e Narrativas**, CIDADE, ano 03, n. 05, p. 1-8, set., 2007.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de; BARRETO, Túlio Velho (Orgs.). **1964: o Golpe passado a limpo**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2007.

BARROS, Edgard Luiz de. **Os Governos militares**. São Paulo: Contexto, 1991.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Tradução Ivo de Castilho Beneditti. 1ª edição. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONFIM, João Bosco Bezerra. A fome no Brasil: o que se diz, o que se fez, o que fazer. In: **Senado Federal**. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/senado/conleg/artigos/especiais/afomenobrasil.pdf>>. Acesso em: 10 de setembro de 2012.

BORGES, Maria Isabel. Os (re) posicionamentos identitários e o jogo ético-político nos quadrinhos pasquinianos. In: **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 06, ano VI, n. 02, p. 1-20, abril/maio/junho, 2009.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba...** Brasília: UnB, 1991.

BRESSER-Pereira, Luiz Carlos. **As revoluções utópicas dos anos 60: a revolução estudantil e a revolução política na Igreja**. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. **Desenvolvimento e crise no Brasil: história, economia e política de Getúlio Vargas a Lula**. São Paulo: Editora 34.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo, SP. UNESP, 1992.

BUZALAF, Márcia Neme. **A censura no *Pasquim* (1969-1975): as vozes não-silenciadas de uma geração**. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

COUTINHO, Luciano; BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Estado, sistema e forma de manifestação da crise: 1929/1974. In: BELLUZZO, Luiz Gonzaga; COUTINHO, R. (Org.). **Desenvolvimento capitalista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CRESPO, Antônio P. Albanez & GUROVITZ, Elaine. **A pobreza como um fenômeno multidimensional**. In: RAE-Eletrônica, v. 1, n. 2, p. 1-12, Jul/dez de 2002. Disponível em: <<http://www16.fgv.br/rae/artigos/1178.pdf>>. Acesso em: 15 de Dezembro de 2009.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal – Uma Releitura**. São Paulo: Summus, 1986.

D'ATHAYDE, Elza Maria. **Entre o dizer e o não-dizer: a charge política e a relação com o silêncio**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: **Projeto História 10**. Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, 1993.

FERNANDES, Millôr e RANGEL, Flávio. **Liberdade, Liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Coleção O Brasil republicano (volume IV). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FESTA, Regina e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (Org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FURTADO, Celso. **Análise do “modelo” brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. **A construção Interrompida**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

_____. **Em Busca de Novo Modelo**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **O Brasil Pós -"Milagre"**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: “milagre econômico”, repressão e censura. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, CIDADE, v. 01, n. 02, p. 87-99, jul./ago./set./out./Nov./dez., 2004.

GIANNASI, Carlos Alberto. **A doutrina de segurança nacional e o “milagre econômico” (1969/1973)**. 2011. 313 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GURGEL, Nair. A charge numa perspectiva discursiva. In: **Primeira Versão**, Porto Velho, ano II, v. IX, n. 135, p. 1-8, fev., 2004.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1992.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1992.

JAGUAR e AUGUSTO, Sérgio (Org.) **Antologia do Pasquim**. Volume 1. Rio de Janeiro: Desiderata, 2006.

_____. **Antologia do O Pasquim. Volume 2**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

_____. **Antologia do O Pasquim. Volume 3**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

_____. **Pasquim 40 anos: edição comemorativa**. Rio de Janeiro: Desiderata, 2009.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 1996.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos de imprensa alternativa**. 2ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2003.

MACIEL, Luiz Carlos. **Anos 60**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. **O funcionamento discursivo de charges políticas**. 2000. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

MAGGIONI, Fabiano. **A charge jornalística: Estratégias de imagem em enunciações de humor icônico**. Dissertação (mestrado). UFSM, 2011.

MALTA, Márcio. **Henfil: o humor subversivo**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARCONI, P. **A censura política na imprensa brasileira - 1968-1978**. São Paulo: Global Editora, 1980.

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia Maria. **História do Brasil recente: 1964-1980**. São Paulo: Ática, 1988.

MÉSZÁROS, István. **A obra de Sartre**. São Paulo: Ensaio, 1991.

MICCOLIS, Leila (org.). **Catálogo de imprensa alternativa**. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.

MIKHAIL, Bakhtin. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

NETO, Dary Pretto. **Um histórico das recentes políticas econômicas de combate à inflação no Brasil**. 2003. 90 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NEVES, Lucília de Almeida. Frente Parlamentar Nacionalista: utopia e cidadania. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 27, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 86.

PESAVENTO, Sandra J. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. In: **Estudos Históricos**, RJ, n. 30, 2002, p. 56-75.

PIMENTEL, Luís. **Entre sem Bater! O humor na imprensa: do Barão de Itararé ao Pasquim 21**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991). In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 01, n. 31, p. 229-252, jul./dez., 2004.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas: a experiência da micro análise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RIANI, Camilo. **Linguagem & cartum... Ta rindo do que?** Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RICOEUR, Paul. Explicação/Compreensão e A representação historiadora. In: **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIDENTE, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da Tv**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIOS, Dellano. Os Mecanismos da Charge. In: **Plenarium**, CIDADE, v.5, n.5, p. 299-305, out., 2008.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia**. Maringá, PR: UEM, 2000.

SALOMÃO, Ivan Colangelo. **Arroubos Econômicos, Legitimação Política: Uma Análise da Moratória da Dívida Externa de 1987**. Dissertação (Mestrado). UFRGS, 2010.

SANTOS, Brígida da Cruz. **Quem ri por último não entendeu a piada: as dicas de O Pasquim (1969-1974)**. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução Paulo Perdigão. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

SINGER, Paul. **A Crise do “Milagre”: interpretação crítica da economia brasileira**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Desenvolvimento e crise**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SKIDMORE, T. E. **Brasil: de Castelo a Tancredo - 1964-1985**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1955.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil**. Ponto Grossa: UEPG, 2009.

ZIRALDO. **1964-1984, 20 anos de prontidão**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANEXOS

Anexo I

• CENSURA

Transcrevo: "Dom Evaristo Arns falou que a censura continua sendo exercida no semanário *O São Paulo*, da Arquidiocese paulista, por um estudante do quarto ano de Medicina."

Quem diria, hem? A máfia de branco, de estetoscópio (para auscultar o pensamento religioso) e bisturi (para cortar a matéria) censurando a Igreja. É a isso que chamam hoje de Medicina Legal? - (Felix de Athayde)

• COLEÇÃO OUTONO-INVIERNO 77 (I)

Campeonato Nacional de Surfe em Saquarema. 80 mil jovens presentes. Tudo acabou num concerto de rock. Enquanto isso, na Bahia, 2 milhões e 500 mil flagelados continuam esperando um copo d'água. Tudo acabou numa procissão, com cânticos religiosos e rezas pedindo chuva. Já tem candidato mandando o nome, o partido e duas fotografias 3x4 pra lá. - (Ivan Lessa)

• MAIS MÁFIA DE BRANCO

Deu no Diário do Povo, de Campinas: apareceu lá uma firma especializada em reembalar seringas descartáveis (ou seja, de plástico que a gente usa e joga fora). Infecções e hepatites à la carte. Agora me digam quem é o mais calhorda: o responsável pela firma (antes que me esqueça: o nome dela é CECIL - Centro de Esterilização, Comércio e Indústria Ltda.), os médicos, os farmacêuticos ou os donos de laboratórios? Reconheço que é difícil responder. - (Jaguar)

• ALIENAÇÃO

O Senador Itamar Franco, do MDB de Minas Gerais, sugeriu ao Senado a constituição de uma CPI para investigação do problema das terras devolutas do País. Disse que o Governador de Minas estava vendendo o hectare a Cr\$ 30,00.

O Senador Gustavo Capanema, da Arena de Minas Gerais,

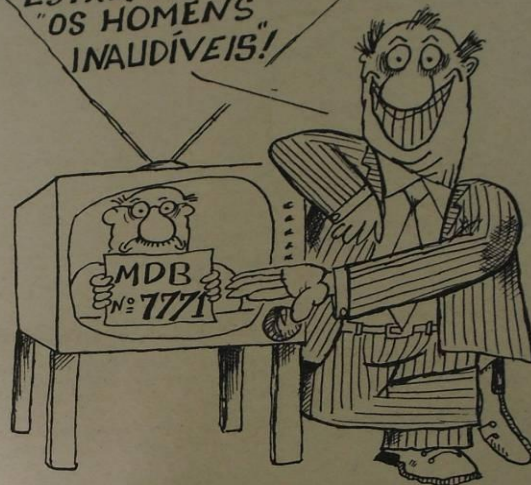
aparteou e disse que o Sr. Itamar Franco se equivocara ao afirmar que o Governador Aureliano Chaves estava promovendo venda de terras, "quando na verdade, o que se pretende é alienar propriedades públicas."

No Brasil, até alienação é barata. - (Felix de Athayde)

REDI



NANI
DEPOIS DO SUCESSO DA SÉRIE "O HOMEM INVISÍVEL", ESTREARÁ BREVE "OS HOMENS INAUDÍVEIS!"



• O LEMA DE TRAMBOY

Não pense que o tal de Tramboy, o monstro quem se adivinha, é o atual prefeito de Poá. Poá está numa área onde se pretende construir um artístico-cultural e 150 apartamentos. Tramboy é um espírito que aparece nos sonhos dos pelos amigos de Tramboy (tudo isso é mesmo). A ideia do Tramboy por sinal muito barba, é imaginar o motorista de uma imprensa carioca (já se sabe, os motoristas são curiosos). O dia em que ar de sua personalidade de mental - uma coisa que cinco anos, ainda de primário da escola, Tramboy veio interpele e perguntou: "o que a gente quer fazer no parque. Não. Todo mundo que a gente precisa é de uma lá, mas a minha esposa é só por duas horas". O prefeito respondeu: "você assim, você tem muito tempo para brincar". Tramboy não se deu por vencido, contra-atacou: "você quer o quê e aprender". Tramboy é municipal. Cada prefeito tem o que merece. Em se tratando de Tramboy, o lema é o seguinte: governar é emborcar e vender os amigos da especulação imobiliária. - (Mário Sérgio Jakobskind)

• ATENÇÃO (I)

Transcrevo: O Secretário Assistente do Departamento de Estado dos Estados Unidos para a América Latina, Joseph Grunwald, disse "que a recessão mundial está determinando um perigoso processo de desnacionalização da economia brasileira, como também da América Latina, de forma geral. "E demonstrou" a preocupação de que a economia brasileira está sendo muito exposta às atividades das empresas multinacionais e que, num período de dificuldades, isso poderá levar governos brasileiros a promoverem a nacionalização de várias empresas estrangeiras. - (Pela transcrição: Felix de Athayde)

• ATENÇÃO (II)

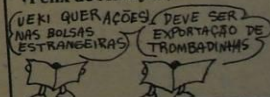
Desestatização é desnacionalização. - (Joseph Grunwald)

• ATENÇÃO (III)

Falando seriíssimamente: esse negócio de desestatização é a terceira batalha dos Guarapes do Brasil. Não esquecer que a primeira grande multinacional do Ocidente foi a Companhia das Índias Ocidentais.

E foi derrotada por negros, índios e empresários nacio-

nais. A matriz da época, Portugal, não ajudou em nada. Até atrapalhou. E não é por ser pernambucano que eu escrevi essa dica. É porque é. - (Felix de Athayde)



• COLEÇÃO OUTONO-INVIERNO 77 (II)

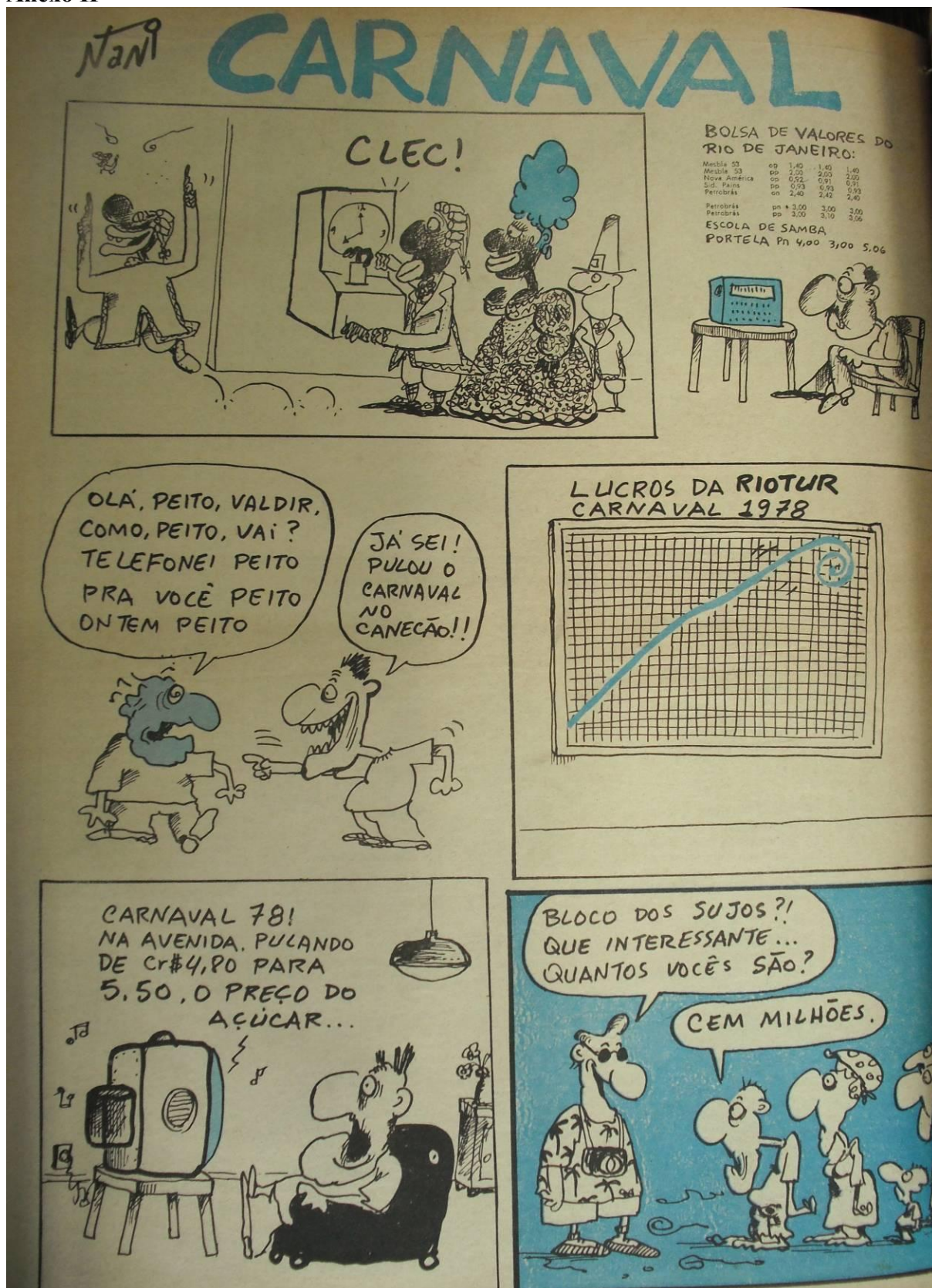
Cheia no Amazonas, morrendo afogado. Mas sem leite, dois mil habitantes desabrigados, perigo de epidemias. O Brasil mandou as vítimas dos terremotos Itália. - (Ivan Lessa)

DIA 2 DE JUNHO*
HENFIL VAI
AUTOGRAFAR OS
FRADINS 7,8 e 9
NA FEIRA DO LIVRO
DA PRAGA SAENS PÊ



* DEPOIS DAS 18 HORAS

Anexo II



Fonte: O Pasquim. Ano IX - Nº 449- Rio de Janeiro 16/2/1978. p. 32.

Anexo III



Fonte: O Pasquim. Ano XIII - Nº 630 - Rio de Janeiro de 23 a 29/7/1981. p. 25.



Fonte: O Pasquim. Ano X - Nº 505 - Rio de Janeiro de 2 a 8/03/1979. p. 3.

o Delfim Netto dificilmente fecharia o ano de 1981 como ministro do "ministério econômico". O magro do "milagre econômico" não lucra a mais ninguém (ou quase ninguém) e seus dias estão contados. Os banqueiros e a burguesia nacional, que fizeram o milagre, quando Delfim assumiu um enérgico (em agosto de 1979) já planejavam peitando abertamente a cabeça do velho. Hoje em dia em diversos setores empresariais, as palavras Delfim e incompetência aparecem juntas com uma frequência nada desprezível.

O que houve? Por que em pouco tempo de 1 ano, Delfim passou de Deus na Terra do Sol? Para entender isso é preciso voltar ao início de 1980. O então poderoso titular do Planejamento decretou que a inflação em 80 seria de 45%. Por isso, a correção monetária não seria de 45% e a correção cambial (ou seja, a desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar) ficaria limitada a 40%.

Os juros bancários estavam (pelo menos teoricamente) tabelados e o controle de preços pelo CIP ia ser feito de modo a não dar refresco a ninguém.

Seis meses depois os números prometidos por Delfim estavam mais desmoronados que o tinte do Bofaço. O barco estava água por todos os lados. A vaca ia ao brejo solenemente. Muito simplesmente porque no primeiro semestre a inflação já atingira 40%. Assim, os preços poderiam subir apenas 10% no segundo semestre para que a meta de Delfim fosse atingida.

Em outros países tamanha disparidade entre os números reais e as promessas levam um ministro para o olho da rua. Aqui, não. Delfim saiu-se então com uma ideia. Decidiu que a partir de julho tudo começaria de novo. Contagem a partir de zero. "Decreto" então que a correção monetária de julho de 80 a junho de 81 seria que ser de 50%.

É isso mesmo: o ano acabava em junho e começava-se tudo de novo. O calendário gregoriano foi abolido neste país tropical, por ordem de El Vici-Rei Dom Delfim Netto. No calendário delfiniano o ano podia iniciar e terminar em qualquer mês. Tudo dependia das conveniências do ministro.

Os juros continuaram tabelados e o controle de preços pelo CIP não foi suavizado.

Cinco meses depois o ministro, como se fosse um cenógrafo louco, decidiu mudar tudo de novo. Depois de uma viagem ao exterior (Estados Unidos, Europa e Japão) o ministro ficou convencido, embora dissesse o contrário, de que os banqueiros internacionais não estavam dispostos a escancarar seus cofres com tanta facilidade para financiar a dívida externa brasileira (que anda na casa dos US\$ 55 bilhões). Para abrirermos seus cofres, os banqueiros queriam mudanças sérias na política econômica visando combater a inflação e alcançar o equilíbrio da balança comercial (que registra as importações e exportações).

Delfim atendeu os banqueiros. O controle de preços pelo CIP foi afrouxado. As taxas de juros do crédito direto ao consumidor totalmente liberadas. As taxas cobradas pelos bancos comerciais e de investimentos chutadas para níveis mais altos.

Anexo VII

CARTAS

SOLUÇÃO ENERGÉTICA: PROBLEMA FIODAL

"Se de fato o Governo brasileiro quiser reduzir o consumo de energia, deve, não só, reduzir as usinas de mão única e os caldeões, mas também, e que tanto prolongam os custos, e que tanto prolongam os custos, e que tanto prolongam os custos..."

SERGIO JOSÉ TONIOLLO (32.36.01) (Av. General Protásio Alves, 2914, Porto Alegre, RS)

REPORTAGEM TAVARES INTERNACIONAL ENTREVISTA EXCLUSIVA COM A PATOTA DO SNI

REPORTAGEM TAVARES INTERNACIONAL

Qual é a função exata do SNI?
SNI — Rã, rã, rã, qui, qui, qui.
RTI — Pãra, essa aranha de borraça me assustou!
SNI — Ri, ri, ri, há, há, há.
RTI — Não faz cósqinha, não faz cósqinha!
SNI — e então quando me perguntaram na alfândega de Marlboro, a garrafa de uísque e a Kilbon. O resto é tudo objeto de uso pessoal. "Ai o cara da alfândega perguntou: "E o seu gênio?" Eu fiz uma cara séria e mandei brasa: "Que gênio? Eu não tenho gênio. "Qui, qui, qui, ri, ri, ri."

Copiarite RTI-SNI (Liberado pelo Secom para todo o território nacional)

Então já que você está chegando agora. Ovi, deixa eu explicar como é o negócio: lugar você tem gente, em primeiro lugar você tem gente, em primeiro lugar você tem gente, em primeiro lugar você tem gente...

...No entanto, da maneira que atualmente o Papai Noel vem sendo apresentado, só causa medo às crianças, não somente pelo uso da fria máscara mas também, porque os pais gostam de assustá-las. Quem, quando criança, não sentiu medo do Papai Noel, mesmo imaginando que por trás da máscara havia um parente querido? "SERGIO JOSÉ TONIOLLO (Avenida Marechal Portas Alves, 2914, Porto Alegre, RS)

• Você de novo, "seu Toniolo"? Desta vez mais sensato, quero crer. Eu concordo inteiramente com você e sou a favor da despapainoelização imediata em nosso país ainda este ano, logo após o "Outubro de Sangue", quando, aí sim, então teremos uma oportunidade de reformular nossos destinos. A idéia das crianças mesmo o representarem é boa, mas, veja você, dizem os psicólogos que o velho holandês é uma "figura do pai", e, por conseguinte, necessária. Acho que bastava fazer a fantasia mais leve e ir sem máscara. Ou então, mais sensatamente, aderir à campanha do Carlito Maia e promover o Carlitos como símbolo natalino. É bem mais interessante. Mas depois de "Outubro de Sangue" tudo será mais fácil! VIVA O "OUTUBRO DE SANGUE"!

Não vejo a relação, 32.36.01. Se fosse reduzir todas as vias, proibir todas as vias, prender todos os motoristas e matar todos os carros que encham o tanque da gasolina, eu não sei se isso ajudaria, uma vez que está sendo entendido, uma vez que está sendo entendido, uma vez que está sendo entendido, uma vez que está sendo entendido...

A VIDA

"Sou um ser humano, um entre os bilhões que vieram parar aqui na Terra, este agradável planeta do simpático sistema Solar. Entre todas as contradições que se encontram aqui, encontro... "JO- NAS RABINOVITCH (Rua Tenente Álvares de Azevedo, 26.902, Icarai, Niterói, RJ)

• Como "um ser humano, um entre os bilhões que vieram parar aqui na Terra"? Ser humano não "veio parar" aqui na Terra. "Começou" aqui na Terra. Se você "veio parar" aqui na Terra, então você é o Kar-el, filho do K-C-Tel e da Brav-tel. Natural de Krypton, pois não? Você estava muito bem no filme. Voa, voa, Rabinovitch, voa, voa, avoa já. Além do mais, passarinho na gaiola fez um buraco e o bichinho chorou, chorou, chorou. Tchau-el.

NOVO LEITOR

"Comprava diariamente o jornal ÚLTIMA HORA de São Paulo, por considerá-lo um dos diários mais jovens, democráticos e abertos desta cidade. Agora a UH fechou. Fiquei muito triste. Resolvi então passar a comprar praticamente todos os jornais alternativos da imprensa nãica como o PASQUIM, MOVIMENTO, REPÓRTER, etc. Sendo assim, o PASQUIM ganhou um novo leitor. "LUIZ REBOUCAS TORRES—OVNI (a/c Book Center, Pça. General Roosevelt, 92, Loja, Centro, 01303, São Paulo, SP)

VOTOS PARA O ANALFABETO: É PRA ELES ELEGER OU A GENTE ELEGEREM ELES?

"A ignorância da classe média alta (incluindo você, Jaguar) é estereotipada. Enquanto muitos o "mãgre" criado pelo Delim vocês deitaram e rolaram na "grana". Agora que o "João Cavaleiro" e "CIA" estão caindo do cavalo, vocês, em nome da democracia, voltam a falar do povo." PEDRO OTAVIO DA SILVA (General Km 13, BR 422, Tucuru, PA)

• Você nos leu mal, parvoira. Nós sempre falamos do povo e continuamos a deitar e a rolar na "grana". Agora, inclusive, na "areia molhada". A gente mija na areia depois deita, rola e ri as bandeiras desregadas. Que história é essa de "João Cavaleiro" e "CIA" estarem caindo do cavalo? Se se for aí no Pará. Aqui por baixo, ele continua por cima com as rédeas do poder nas mãos, se divertindo e nos divertindo pra valer. Homão engraçado e comunicativo é esse João. Vocês aí só manjam de paca e arara, rapaz. Não entendem nada de hipismo criativo, turfe redentor. E se você é tão comunista assim como explica o fato de estar no Brasil e vivo?

GRANDE CONCURSO "PIADAS DO FIGUEIREDO": ABERTAS AS INSCRIÇÕES.

As melhores, ou sejam, as piores, mais depreciativas piadas sobre o General Figueiredo devem ser remetidas para este semanário citando no envelope "Piadas do Figueiredo." Os 3 primeiros colocados receberão, inteiramente grátis, 6 (livros) publicados pela Codecri. Atenção: só vale humor negro.

PICLES

Aidu

SE, NO BRASIL, A DEMOCRACIA AINDA ENGATINHA E PORQUE FIZERAM MUITA CACHORRADA COM ELA.

ABERTURA: AGORA O BRASIL É UM IMENSO BURACO COM UM HOMEM A CAVA-LO.

ANISTIA? ISSO QUE ARRANJARAM AI MAIS PARECE UMA ANISMADRASTA

DEUS É GRANDE MESMO OU USA SALTO ALTO?

ENQUANTO VOCÊ ENCONTRAR ESTE SELO O PASQUIM CONTINUA SEM CENSURA PRÉVIA

PASQUIM

Ano XI — Nº 529
Rio, de 17 a 23/8/1979

EDITORIA CODECRI LTDA.
Diretor-presidente: Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe
Diretor-administrativo: Julio Nunes da Silva
Diretor-executivo: J. Abreu
Redação e administração: Rua Saint Roman, 142 tel. 287-6796 — CEP 22071 • Composto e impresso na JB Industrias Gráficas Ltda. Avenida Brasil, 500.

EDITORES:
Jaguar
Zezinho

EDITOR ITINERANTE:
Ivan Lessa

SECRETARIA DE REDAÇÃO E ARTE:
Haroldo Zager

PAGINAÇÃO E MONTAGEM:
Toninho, Miro e Beto

FOTOS E LAB.: Walter Ghelmin

REVISÃO: Alfredo Gonçalves

EFEITOS: Rafael Siqueira

ASSESSORA GERAL, SECRETARIA DE FE, MEDIANEIRA E NOME TUTELAR: Nelma Quadros

FINANCEIRA: Eulira Abreu

CIRCULAÇÃO: Teixeira

ASSINATURAS: Helena

CORRESPONDENTES:
Miquel nava (Másc), Artur José Poerner (Colômbia), Duda Guermes (Lisboa), Iza Fresta (Roma)

DIVISÃO DE PUBLICIDADE
Gerente Rio: Alvarus de Oliveira
Representante em Belo Horizonte: — Zezinho Alves Pinto, rua Rio Grande do Norte, 357 (Casa do Desenhista) tel.: 224-3677; 226-2537

DISTRIBUIDORES
Fernando Chaves Distribuidora S/A, rua Teodoro de Silva, 907 — tel.: 268-9112, RIO. Superintendente Distribuidora de Jornais, Revistas, Livros e Material de Propaganda Imale distal Ltda. Rua Urubitinga do Amaral, 42 — tel. 242-9084, RIO

JORNAIS (VIA AEREA) PARA:
Manaus — Santarém — Boa Vista — Altamira — Macapá — Rio Branco — Porto Velho: C/524.30

Filado ao

Fonte: O Pasquim. Ano XI - Nº 529 - Rio de Janeiro de 17 a 23/08/1979. p. 2.